MILTON SANTOS

Metamorfoses do Espaço Habitado

edusp

Digitalizado com CamScanner

MILTON SANTOS

Metamorfoses do Espaço Habitado

Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia

em colaboração com
DENISE ELIAS

edusp

Digitalizado com CamScanner

Copyright © 2007 by Família Santos

1ª a 5ª edição (1988 a 1997, Hucitec)
6ª edição 2008 (Edusp)
6ª edição, 4ª reimpressão 2025 (Edusp)

Edição atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento Técnico
do Sibi-USP. Adaptada conforme normas da Edusp.

Santos, Milton.
Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia / Milton Santos; em colaboração com Denise Elias. – 6. ed. 4. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2025.
136 p.; 14 × 21 cm. – (Coleção Milton Santos; 10).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-314-1044-4

1. Sociologia urbana. 2. Globalização. 3. Geografia Cultural. I. Elias, Denise. II. Título. III. Título: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. IV. Série.

CDD-301.32

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2025

Foi feito o depósito legal

Digitalizado com CamScanner

Sumário

Introdução 11

1. A Redescoberta e a Remodelagem do Planeta no Período Técnico-científico e os Novos Papéis das Ciências 15
   Da Internacionalização à Globalização 16
   Um Período Técnico-científico? 19
   Mundialização Perversa e Perversão das Ciências 21
   As Possibilidades Entreabertas às Ciências do Homem 24

2. A Renovação de uma Disciplina Ameaçada 27
   À Procura de um Objeto: O Espaço 29
   Importância Atual do Espaço 32
   A Caminho de uma Geografia Global 33
   Globalização e Empiricização das Categorias 36
   Por uma Geografia Renovada 39

3. Metamorfoses do Espaço Habitado 41
   A Expansão da População Mundial 42
   Heterogeneidade do Espaço Habitado 43
   Em um Século, uma Humanidade Misturada 44
   A Exploração Urbana e Metropolitana 45

Digitalizado com CamScanner

A Criação de um Meio Geográfico Artificial 46
Da Natureza Hostil a um Espaço do Homem? 48

4. Categorias Tradicionais, Categorias Atuais 51
A Expansão da População Mundial 51
Circuitos Espaciais de Produção 55
Especializações Produtivas e Aumento da Circulação 57
A Cidade: O Lugar Revolucionário 59
Novas Relações Cidade-Campo 60
Nova Hierarquia Urbana 62
O Presente e a Totalidade 63

5. Paisagem e Espaço 67
Paisagem, o Que é 67
Percepção e Conhecimento 68
Paisagem e Região 69
Os Objetos Culturais 70
Paisagem Natural, Paisagem Artificial 71
Paisagem e Produção: Os Instrumentos de Trabalho 72
Uma Permanente Mudança 74
Datação e Movimento da Paisagem 75
As Mutações da Paisagem: O Estrutural e o Funcional 76
Espaço, o Que é 77
A Paisagem não é o Espaço 78
A Espacialização não é o Espaço 80

6. Configuração Territorial e Espaço 83
Configuração Territorial e Paisagem 84
O Espaço: Fixos e Fluxos 85
Os Fixos 86
Sistemas de Engenharia 87
Divisão do Trabalho e Escala 90
Periodizações 91
Por uma Visão Prospectiva 93

7. Do Físico ao Humano. Do Natural ao Artificial.
Geografia Física, Geografia Humana 95
O Homem e a Produção 95
Ação Humana e Geografização 96

Digitalizado com CamScanner

A Natureza e Suas Próteses 97
Geografia Física, Geografia Humana 98
O Novo Sistema da Natureza 99

8. O Espaço e o Movimento das Contradições 103
O Externo e o Interno 104
O Novo e o Velho 106
O Estado e o Mercado 108

9. Geografia Geral (Não Determinista) e Geografia Regional .. 111

10. Da Teoria à Prática 119
Um Modelo Analítico 119
Um Esquema Operacional: A Análise da Situação Atual 124

Bibliografia 127

Digitalizado com CamScanner

Introdução

O presente volume constitui, de alguma forma, uma continuação de *Por uma Geografia Nova*, cuja primeira edição foi publicada pela Hucitec em 1978*. Nossa ambição, inscrita na introdução daquele livro, de desenvolver uma série de temas correlatos foi correspondida, ao longo desses dez anos, por um constante trabalho no domínio teórico, no da pesquisa empírica, na elaboração de cursos de graduação e pós-graduação, que oferecemos, em diferentes lugares, a geógrafos, arquitetos e planejadores.

Alguns dos problemas que, então, levantáramos foram objeto de certo número de ensaios, alguns já publicados, enquanto outros ainda não puderam tomar uma forma definitiva. Entretanto, o desenvolvimento atual da geografia brasileira está a exigir a urgente explicitação de algumas categorias analíticas. A geografia

* E atualmente se encontra em sua 6ª edição, publicada pela Edusp, sendo o volume 2 desta Coleção (N. da R.).

Digitalizado com CamScanner

crítica, que tanto floresceu nesse período, não se pode contentar em ser apenas crítica. Para ser útil e utilizada, a crítica tem de ser analítica e não apenas discursiva. A crítica pode até ser destrutiva, desde que tenha algo a propor, explícita ou implicitamente, sem o que não contribui para o avanço do conhecimento.

Muitas teses acadêmicas e livros, além de artigos de revistas, já têm oferecido contribuição valiosa à renovação das ideias sobre o espaço geográfico. Há ainda, todavia, muito o que fazer, e é nessa corrente que nos desejamos inscrever modestamente. Este livro foi concebido justamente para debater algumas realidades do presente e os conceitos delas resultantes. Por isso, os dois primeiros capítulos buscam situar a geografia no contexto do mundo atual, enquanto os demais, tomando como ponto de partida as metamorfoses do espaço habitado, buscam rediscutir categorias tradicionais e sugerir algumas linhas de reflexão metodológica. Falar sobre o *espaço* é muito pouco, se não buscamos defini-lo à luz da história concreta. Falar simplesmente do *espaço*, sem oferecer categorias de análise, é também insuficiente. Por isso nos pareceu oportuno distingui-lo da paisagem e da configuração territorial que, entretanto, comparecem como elementos fundamentais do seu entendimento. Essa compreensão passa pelo reconhecimento da crescente imbricação entre o natural e o artificial, que tanto permite abordar o velho debate sobre a definição da geografia física e da geografia humana como discutir o sentido da geografia geral em relação à geografia regional. Tudo isso comporta diferentes visões do movimento das contradições de que resultam as metamorfoses do espaço.

Contei com a ajuda de Denise Elias, mestranda em geografia na Universidade de São Paulo, tanto na discussão do projeto do livro como na sua redação. Espero que este livrinho, pela

Digitalizado com CamScanner

sua linguagem, seja acessível ao maior número de leitores, sem, todavia, descambar para o simplismo que os ofende.

Os Capítulos 1 e 2 foram publicados conjuntamente como artigo, em francês, inglês e espanhol, pelo *International Social Science Journal*, vol. 36, n. 4, da Unesco, em 1984, e pela *Revista Brasileira de Tecnologia*, do CNPq, em 1985; e o Capítulo 3 apareceu também em forma de artigo na revista *Arquitetura e Urbanismo*, nov. 1985. Os demais capítulos são inéditos.

MILTON SANTOS

Digitalizado com CamScanner

I

A Redescoberta e a Remodelagem do Planeta no Período Técnico-científico e os Novos Papéis das Ciências

Entre os múltiplos aspectos do período atual, é obrigatório reconhecer as relações entre as condições de realização histórica e a nova revolução científica. Essa revolução histórica e científica atribui às ciências do homem e da sociedade um lugar ainda mais privilegiado no conjunto dos conhecimentos. Num mundo assim reestruturado, um papel particular deve incumbir à ciência geográfica – uma ciência do espaço do homem –, e devemos interrogar-nos sobre os problemas que, nessa óptica, se abrem à sua realização, diante do conflito entre tudo o que acarretam os novos conteúdos prometidos à atualização da disciplina e suas presentes estruturas. Pode-se pensar que a inércia se imporá ao movimento, impedindo-lhe o desenvolvimento, ou se deve acreditar que uma geografia renovada poderá afirmar-se?

Digitalizado com CamScanner

Da Internacionalização à Globalização

Não sem razão K. Polanyi falou de uma "Grande Transformação" para saudar as profundas mudanças impostas à nossa civilização desde o início do século[1]. Que dizer, então, da verdadeira subversão que o mundo conheceu a partir do final da Segunda Guerra Mundial, quando, por intermédio da globalização, uma fase inteiramente nova da história humana teve início?

Decerto, o que estamos vivendo agora foi longamente preparado, e o processo de internacionalização não data de hoje. O projeto de mundializar as relações econômicas, sociais e políticas começa com a extensão das fronteiras do comércio no princípio do século XVI, avança por saltos através dos séculos de expansão capitalista para finalmente ganhar corpo no momento em que uma nova revolução científica e técnica se impõe e em que as formas de vida no planeta sofrem uma repentina transformação: as relações do Homem com a Natureza passam por uma reviravolta, graças aos formidáveis meios colocados à disposição do primeiro. Houve mudanças qualitativas surpreendentes, a mais notável das quais foi a possibilidade de tudo conhecer e tudo utilizar em escala planetária, desde então convertida no quadro das relações sociais. Pode-se falar de mundialização, enquanto outrora se tratava de mera internalização[2].

1. "A civilização do século XIX naufraga. Este livro trata das origens políticas e econômicas do acontecimento e da grande transformação que o seguiu.
Essa civilização repousava sobre quatro instituições. A primeira era o sistema de equilíbrio de forças que durante um século permitiu evitar a deflagração de grandes e devastadoras guerras entre as Potências. A segunda foi o padrão-ouro como referência internacional, que simbolizava a organização única da economia mundial. A terceira era o mercado autorregulado, que gerou um bem-estar sem precedentes. A quarta era o Estado liberal. Segundo uma certa classificação, duas delas eram nacionais, e as duas outras internacionais. Juntas, determinaram as grandes linhas da história de nossa civilização." (Polanyi, 1957, p. 2).
2. "O sistema capitalista foi sempre um sistema mundial. Não poderemos compreendê-lo se

Digitalizado com CamScanner

Dado o novo alcance da história, importa "rever totalmente toda a estrutura dos postulados e preconceitos nos quais assentava a nossa visão do mundo", nas palavras de G. Barraclough (1965, p. 10). Mais recentemente, Katona e Strumpel (1978, pp. 2-3) criticam uma visão econômica pouco penetrada pelas novas realidades, lamentando que fatores como as finanças sejam ainda estudados num quadro puramente nacional, e não em seu contexto global. A sociologia, tal como foi fundada na segunda metade do século XIX, deveria ser substituída, segundo A. Bergensen (1980, p. 1), por uma "visão sistemática mundial", mais adaptada às novas realidades.

Mas será possível afirmar a existência desse sistema mundial (A. Bergensen e R. Schoenberg, 1980), chame-se ele sociedade mundial (Ralph Pettman, 1979) ou sistema global (G. Modelski, 1972)? Isso resultaria da interconexão, sob todos os pontos de vista, entre as mais afastadas e disparatadas sociedades nacionais, por força das novas condições de realização da vida social, ou seja, de uma divisão mundial capitalista do trabalho, fundada no desenvolvimento das forças produtivas em escala mundial e conduzida através dos Estados e das corporações gigantes ou firmas transnacionais[3].

excluirmos a interação entre o efeito interno de uma de suas partes e os efeitos externos sobre essa parte. Por isso a contribuição daqueles que enfatizaram o papel da periferia no estabelecimento do capitalismo desde o seu início não é nem pequeno nem suplementar [...]." (Amin, 1980, p. 187).
"Embora tenha sido sempre um sistema mundial, o sistema capitalista passou por diversos estágios [...]." (Amin, 1980, p. 188).

3. Na fase do monopólio múltiplo transnacional, o desenvolvimento das forças produtivas ocorre na escala do planeta. A divisão mundial capitalista do trabalho daí decorrente é, ao mesmo tempo, uma especialização adiantada e uma integração. A possibilidade concreta de localizar ramos, processos, fábricas, explorações econômicas, de utilizar redes de transporte e de comercialização, de obter de toda parte informações praticamente instantâneas e de processá-las eletronicamente nesses centros estrategicamente distribuídos, de influenciar de maneira decisiva nas determinações políticas nacionais ou multinacionais, de mobilizar rapidamente funcionários e agentes através do mundo, tudo isso transforma as corporações múltiplas em fatores poderosos de uma combinação complexa das forças produtivas, com

Digitalizado com CamScanner

A universalização do mundo pode ser constatada nos fatos. Universalização da produção, incluindo a produção agrícola, dos processos produtivos e do *marketing*. Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização das finanças e das dívidas, universalização do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização relacional das técnicas[4], universalização do trabalho, isto é, do mercado do trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação. Universalização da cultura e dos modelos de vida social, universalização de uma racionalidade a serviço do capital, erigida em moralidade igualmente universalizada, universalidade de uma ideologia mercantil concebida do exterior, universalização do espaço, universalização da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total.

Vivemos num mundo em que a lei do valor mundializado comanda a produção total por meio das produções e das técnicas dominantes, aquelas que utilizam esse trabalho científico universal previsto por Marx[5]. A base de todas essas produções, também ela, é universal, e sua realização depende doravante de um mercado mundial.

variáveis muito numerosas e parâmetros operacionais que atuam em variados níveis de agregação." (Maza Zavala, 1976, p. 43).

4. "[...] uma tríplice universalidade: universalidade espacial, universalidade qualitativa, universalidade relacional." (S. Breton, 1968, p. 112).
"[...] A universalidade relacional [...] concretamente [...] se define pela comunicação de todas as técnicas que se abrem umas às outras num apelo de complementaridade que condiciona simultaneamente a possibilidade de sua existência e a de sua eficácia." (S. Breton, 1968, p. 114).

5. "Marx utilizou de maneira explícita a categoria de 'trabalho universal' em relação ao trabalho científico." (Ernst Mandel, 1980, p. 132).

Digitalizado com CamScanner

Será que essa mundialização é completa? Para muitos não haveria, por exemplo, mundialização das classes sociais (V. Navarro, 1982; A. Bergensen, 1980, p. 10) nem uma moralidade universal, ainda que fosse a moralidade dos Estados. Se as firmas multinacionais criam em toda parte burguesias transnacionais (R. L. Sklar, 1976), e se instituições de natureza semelhante estão presentes em todos os países, as classes são ainda definidas territorialmente, assim como as aspirações e o caráter de um povo ainda o são em função das heranças históricas. Os Estados, cujo número se multiplicou devido às novas condições históricas, constituem um sistema mundial, mas individualmente eles são, ao mesmo tempo, uma porta de entrada e uma barreira para as influências exógenas. Sua ação, embora autoritária, assenta nas realidades preexistentes e por isso jamais induz uma mundialização completa das estruturas profundas da Nação. Mas isso não basta para impedir que se fale de globalização. Hoje, o que não é mundializado é condição de mundialização.

Um Período Técnico-científico?

É possível discordar quanto à denominação e às características do atual período histórico. Nós o vivemos, e nada é mais difícil que definir o presente. Porém já sabemos que nossa época implicou uma revolução global não totalmente acabada, mas cujos efeitos são perceptíveis em todos os aspectos da vida. Como disse Lucien Goldmann (1978, pp. 185-186), "a partir da Segunda Guerra Mundial, torna-se cada vez mais evidente para os pesquisadores sérios que temos um terceiro tipo de capitalismo, para o qual se emprega toda uma série de expressões: capitalismo de organização, sociedade de massa etc. Trata-se, sempre, do

Digitalizado com CamScanner

capitalismo, sem dúvida, mas mudanças essenciais surgiram". Nossa época sugere que devemos ter bem presente no espírito a advertência de Marx, para quem "o destino das novas criações históricas é o de serem consideradas como se nada mais fossem que uma contrapartida das formas antigas e mesmo defuntas da vida social, às quais se assemelham"[6].

Acreditamos, como tantos outros, que as perturbações que caracterizam esta fase da história humana decorrem em grande parte dos extraordinários progressos no domínio das ciências e das técnicas. Estaríamos no período do capitalismo tecnológico, segundo L. Karpik (1972), ou da sociedade tecnológica, conforme H. Lefebvre (1971).

Sem dúvida, podemos perguntar-nos, de um lado, se o desenvolvimento econômico não dependeu sempre do progresso científico (Tsuru, 1961; P. Jalée, 1969; Ch. Bettelheim, 1967; R. Aron, 1961; J. Ellul, 1954), ou lembrar, como fez E. Mandel (1980), que esta é apenas a terceira revolução científica; e, por outro lado, seria bom levantar com frequência a questão de R. Heilbroner (1967): "As máquinas fazem a história?" Há os que creem numa espécie de determinismo tecnológico[7] e os que se põem em guarda contra todo risco implícito, na crença em uma "ilusão tecnológica". Preferimos a companhia destes últimos, sem com isso minimizar o papel fundamental desempenhado pelos progressos científicos e técnicos nas transformações sofri-

6. The Paris Commune, Moscou, Progress, 1970, p. 58.
7. "Muitos historiadores se inclinaram a considerar a tecnologia como se ela tivesse uma importância ocasional e até recentemente ignoraram sua influência. Outros cientistas da sociedade, como o historiador americano W. F. Ogburn, foram de fato partidários de um determinismo tecnológico, considerando que a tecnologia controla as formas sociais e as normas culturais. A antropóloga Leslie White diz explicitamente que 'os sistemas sociais' são verdadeiramente secundários e subsidiários em relação aos sistemas tecnológicos [...]. A tecnologia seria, para eles, a variável independente, e o sistema social, a variável dependente." (Victor Ferkiss, 1970, p. 37).

Digitalizado com CamScanner

das recentemente pelo planeta. Essa "transformação total dos fundamentos da vida humana" de que fala Bernal[8] teria sido impossível de outra forma. Trata-se, agora, de uma verdadeira interdependência entre a ciência e a técnica, contrariamente ao que acontecia outrora. De fato, como observou R. Richta (1970, p. 37), hoje "a ciência precede a técnica", embora sua realização lhe seja cada vez mais subordinada. A tecnologia daí resultante é utilizada em escala mundial, e nada mais conta a não ser uma busca desenfreada do lucro onde quer que as condições o permitam. Esse é um dado fundamental da situação atual. O fato de a tecnologia ter-se tornado um elemento exógeno para grande parte da humanidade – já assinalado por A. Herrera (*apud* C. Mendes, 1977, p. 159) – acarreta consequências de enorme alcance, já que sua utilização universal, quase sempre sem relação com os recursos naturais e humanos locais, é causa de graves distorções. Ora, tudo isso só foi possível porque o trabalho científico foi praticamente colocado a serviço da produção. A ciência tem, doravante, um papel produtivo (J. Thibault, 1967).

Mundialização Perversa e Perversão das Ciências

A mundialização que se vê é perversa (Santos, 1978). Concentração e centralização da economia e do poder político, cultura de massa, cientificização da burocracia, centralização agravada das decisões e da informação, tudo isso forma a base de um acirramento das desigualdades entre países e entre classes sociais, assim como da opressão e desintegração do indivíduo. Desse modo se compreende que haja correspondência entre sociedade global e

8. "[...] o termo revolução científica e técnica foi proposto por Bernal para designar a total transformação dos fundamentos da vida humana, organicamente ligados às transformações da própria vida." (R. Richta, 1970, p. 43).

Digitalizado com CamScanner

crise global. É igualmente compreensível, mas lamentável, que esse movimento geral tenha atingido a própria atividade científica.

A redescoberta do planeta e do homem, isto é, a amplificação do saber que lhes diz respeito, são apenas os dois termos de uma mesma equação. Essa equação é presidida pela produção em suas formas materiais e imateriais. Os conhecimentos atuam sobre os instrumentos de trabalho, impondo-lhes modificações não raro brutais e produzindo males ou benefícios segundo as condições de utilização.

Quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos produtores hegemônicos, e renuncia a toda vocação de servir à sociedade. Trata-se de um saber instrumentalizado, em que a metodologia substitui o método.

Um saber comprometido com interesses e institucionalizado em função de conhecimentos estritamente delimitados acaba por sofrer uma fragmentação, cujo resultado é, não a autonomia desejável das disciplinas científicas, mas a sua separação. A evolução econômica agrava essa distância e nos afasta cada vez mais de um enfoque global e da visão crítica que ele permite. Então, o trabalho do cientista se vê despojado de seu conteúdo teleológico e deve ser feito segundo uma óptica puramente pragmática, para atender aos que pedem as pesquisas ou dirigem as instituições de ensino. Quando o trabalho científico deve atender a objetivos utilitariamente estabelecidos, temos diante de nós o divórcio entre a teoria e a práxis (A. Gouldner, 1976). Daí a possibilidade de um sucesso prático das teorias falsas (M. Bunge, 1968). Eis por que já se falou, e com razão, de perversão da ciência[9].

9. "Um traço notável do período atual é que as análises vivamente críticas da empresa científica vêm de universitários respeitáveis, cujo radicalismo é moderado ou nulo. Essa

Digitalizado com CamScanner

As ciências sociais não fazem exceção nesse contexto. O mesmo movimento também as deformou e descaracterizou. Nunca é demais insistir no risco representado por uma ciência social monodisciplinar, desinteressada das relações globais entre os diferentes vetores de que a sociedade é constituída como um todo. Pode-se, talvez, encontrar uma das principais causas da crise atual das ciências sociais em sua insalubridade. Boa parte da produção intelectual nesse domínio despreza os estudos mundiais globalizantes. Esse atraso em relação ao mundo é uma das marcas desse desatino das ciências humanas. Incapazes de apreender a separação entre princípios e normas (A. Catemario, 1968, p. 74), e por isso mesmo empobrecidas, não surpreende constatar as múltiplas formas de sua submissão a interesses quase sempre inglórios do mundo da produção. Elas se põem, por vezes sem julgamento crítico, a serviço do *marketing,* daquilo que se chama relações humanas, de toda sorte de *social engineering* e de produção, sob encomenda das ideologias (Michael Useern, 1976), reduzindo assim gradualmente suas possibilidades. Desse modo, as ciências sociais se interessam por uma amostragem tendenciosa das contradições mais importantes: o Estado e as firmas transnacionais, o Estado e a nação, o crescimento e o empobrecimento, o Leste e o Oeste, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento etc., de modo a ocultar as causas reais e os resultados previsíveis dos encadeamentos entre fenômenos.

Assim, reduzindo seu alcance e fragmentando seu campo de ação, elas se internacionalizam, tornando-se incapazes de uma

crítica da ciência, respeitável e feita do interior, exprime a nova consciência da ciência e o abandono de sua segurança de outrora. Quando se consideram as declarações de porta-vozes da ciência, fica-se chocado por seu caráter de propaganda. O cientista era, para pessoas como T. H. Huxley (1894), von Helmholtz (1893) ou Karl Pearson (1892), um exemplo das maiores virtudes intelectuais e morais". (J. P. Ravetz, 1977, p. 79).

Digitalizado com CamScanner

visão mundial e crítica. Os excessos de especialização e a perda de ambição de universalidade são dois aspectos de uma mesma questão e permitem a utilização perversa das ciências sociais.

A geografia não escapa a essa tendência. Desenvolvida parcialmente sob o signo do utilitarismo, fundada na economia neoclássica – portanto a-espacial –, ela era chamada a negar-se a si mesma. Por isso ela conta, entre suas fraquezas, o fato de não ter um objeto claramente definido e a pobreza teórica e epistemológica sobre a qual repousa sua prática. A inexistência de um sistema de referências mais sólido, de resto, explica o papel de relevo que essa disciplina desempenhou na reorganização não igualitária do espaço e da sociedade, tanto em nível mundial como no local.

As Possibilidades Entreabertas às Ciências do Homem

Embora assinalado por atividades quase sempre desviadas para preocupações imediatistas e utilitaristas, o atual período histórico encerra igualmente o germe de uma mudança de tendência. Se, de um lado, a ciência se torna uma força produtiva, observa-se, de outro, um aumento da importância do homem – isto é, de seu saber – no processo produtivo. Esse saber permite um conhecimento mais amplo e aprofundado do planeta, constituindo uma verdadeira redescoberta do mundo e das enormes possibilidades que ele contém, visto ser revalorizada a própria atividade humana. Só falta colocar esses imensos recursos a serviço da humanidade. Trata-se de uma tarefa de longo fôlego, mas não impossível, que supõe a existência de uma ciência autônoma, conforme a definiu R. Wuthrow (1980, p. 30).

Digitalizado com CamScanner

No momento, as condições locais de realização da economia internacional acabam por dar a primazia ao imperativo tecnológico, a conjuntos técnicos considerados como fixos, pois a própria ciência econômica parece organizar seus postulados em função de equações técnicas rígidas. Cumpre, agora, chegar a uma liberação desse imperativo tecnológico e subordinar as escolhas técnicas a finalidades bem mais amplas que a própria economia. Vê-se, assim, que não se trata absolutamente de uma questão técnica nem do domínio das ciências exatas, pois o problema diz respeito às ciências sociais, cuja responsabilidade se vê assim aumentada.

Conquanto imposta por necessidades históricas, a redescoberta da Natureza e do Homem deve ser creditada sobretudo às disciplinas naturais, biológicas e exatas, ou seja, às "ciências". Isso insuflou nas "não ciências", disciplinas do homem e da sociedade, um novo valor, ainda insuficientemente avaliado, na construção racional da história.

Os novos conhecimentos "científicos" apontam para o reino do possível, enquanto sua realização concreta pertence mais ao domínio das condições econômicas, culturais e políticas. Como o Futuro não é único, mas deve ser escolhido, são as ciências sociais que se tornam as ciências de base para uma construção voluntária da história. Como? Trata-se de alargar sua base filosófica de tal modo que as preocupações teleológicas não constituam obstáculo à fiel transcrição dos fenômenos.

As novas realidades são, ao mesmo tempo, causa e consequência de uma multiplicação de possibilidades, potenciais ou concretizadas, cuja multiplicidade de arranjos é fator de complexidade e de diferenciação crescentes. Não se trata aqui de adaptação do passado, mas de subversão das concepções

Digitalizado com CamScanner

fundamentais, das formas de abordagem, dos temas de análise. Isso equivale a dizer que mudam, ao mesmo tempo, o conteúdo, o método, as categorias de estudo e as palavras-chave.

Como promessa, o crescimento das possibilidades diz respeito ao mundo inteiro e a toda a humanidade, mas a historização e a geografização das possibilidades estão sujeitas à lei das necessidades. A divisão dos domínios nem sempre é nítida, mas pode-se pensar que, num mundo assim construído, são as ciências do homem que ganham em alcance. Ademais, inúmeras combinações doravante possíveis não são desejáveis; outras, igualmente numerosas, não convêm a todos os países ou regiões.

Digitalizado com CamScanner

2

A Renovação de uma Disciplina Ameaçada

A atual importância do território (para não falar de espaço...) na realização da história pode ser indicada pelo interesse crescente que lhe dedicam não somente os geógrafos mas também, e cada vez mais, os urbanistas, planejadores, cientistas de horizontes tão diferentes como os economistas, sociólogos, etnólogos, politicólogos, historiadores, demógrafos etc. Tanto Nels Anderson (1965, p. 5) como, mais recentemente, Pierre George (1982, p. 1) assinalaram que o chamado objeto tradicional da geografia era cada vez mais tratado por especialistas diversos. "Nosso objeto" seria mais bem estudado por outros, queixa-se V. D. Dennison (1981, pp. 271-272)[1].

Por outro lado, a geografia, que sucumbiu às aliciantes demandas do mundo da produção, não será vítima de uma

1. A crítica de V. D. Dennison (1981) é severa. Para ele, a noção de região, que constituía o centro da geografia tradicional, foi substituída, na geografia moderna, pelo estudo de conceitos e ideias. Mas essas "ideias e conceitos que agora constituem a sua base não são absolutamente particulares à geografia, e não raro foram, até, emprestados de outras disciplinas".

Digitalizado com CamScanner

especialização exagerada? Max Sorre, já em 1957 (pp. 10, 35-36), falava de uma ameaça de "desmembramento". J. Allan Patmore (1980) chamou a atenção para tais riscos e, a despeito de seu ceticismo, R. J. Johnston (1980) chegou a sugerir que, do jeito que vão as coisas, a disciplina acabaria na anarquia. A mesma preocupação levou Brian Berry (1980, p. 449) a declarar, em seu discurso presidencial da Associação dos Geógrafos Americanos, que nos encaminhávamos "do pluralismo para a licença". Pode-se então dizer, com M. E. Eliot-Hurst (1980, p. 3), que se trata de uma disciplina moribunda? Trata-se, sem nenhuma dúvida, de uma disciplina ameaçada. Mas as ameaças vêm muito mais dela mesma, em seu estado atual, do que das disciplinas vizinhas.

A questão complica-se quando admitimos, com o mesmo R. J. Johnston (1980), que existem tantas geografias quanto geógrafos[2] ou quando reconhecemos, com H. Lefebvre (1974, p. 15), que "os escritos especializados informam seus leitores sobre todos os tipos de espaços precisamente especializados [...] haveria uma multiplicidade indefinida de espaços: geográficos, econômicos, demográficos, sociológicos, ecológicos, comerciais, nacionais, continentais, mundiais". Até certo ponto, Y. Lacoste (1981, p. 152) sintetiza esses dois pontos de vista ao escrever: "De fato, existem tantas concepções do 'espaço geográfico' ou do 'espaço social' quanto tendências 'de escolas' em geografia, sociologia ou etnologia; no limite, existem tantas maneiras de ver as coisas quanto individualidades conduzindo uma investigação sobre uma *démarche* científica [...]".

2. Lá onde Johnston afirma que tudo o que os geógrafos fazem é geografia, Alain Bidaud, Maurice Blondeau e Anne-Marie Gérin (1978) preferem indagar: "Existem tantas geografias quantos são os geógrafos?"

Digitalizado com CamScanner

Certo, dizemos nós, existem percepções diversas das mesmas coisas, pois há indivíduos diferentes. Mas deve-se, por isso, renunciar à aproximação de uma definição objetiva das realidades? Do contrário, não se saberia sequer por onde começar o trabalho científico. E estaríamos sempre à mercê de uma ambiguidade. Com efeito, para a questão que nos interessa, é preciso transformar num só o que parece um duplo problema. Trata-se de definir o espaço da geografia, seja ela uma geografia renovada ou redefinida, e estabelecer assim os seus limites[3].

À Procura de um Objeto: O Espaço

Um sistema de realidades, ou seja, um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima, supõe uma legalidade: uma estruturação e uma lei de funcionamento. Uma teoria, isto é, sua explicação, é um sistema construído no espírito, cujas categorias de pensamento reproduzem a estrutura que garante o encadeamento dos fatos. Se a chamarmos de organização espacial, estrutura espacial, organização do espaço, estrutura territorial ou simplesmente espaço, só a denominação é que muda, e isso não é fundamental. O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitem o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam os mesmos.

Muito tempo e talento foram dissipados recentemente por geógrafos, numa discussão semântica sem saída. Chegou-se a inventar novas denominações. Por exemplo, alguns preferem

3. "Para ter um papel específico e útil, uma ciência precisa de um campo de trabalho particular e também de seu próprio conjunto de conceitos. Podem-se definir as características das geografias?" (Arild Holt-Jensen, 1981, p. 4).

Digitalizado com CamScanner

falar da espacialidade ou até de espacialização da sociedade, recusando a palavra espaço, mesmo o espaço social. No entanto, a renovação da geografia passa pela depuração da noção de espaço e pela investigação de suas categorias de análise. Quando Armando Corrêa da Silva (1982, p. 52) enuncia que não há geografia sem teoria espacial consistente, afirma também que essa "teoria espacial consistente" só é válida analiticamente se se dispuser de um "conceito referente à natureza do espaço".

O espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas[4]. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Não é o espaço, portanto, como nas definições clássicas da geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama formado pela sociedade de hoje e o meio ambiente.

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos

4. "É importante considerar os três modos pelos quais o espaço pode ser conceitualizado. Em primeiro lugar, o espaço pode ser visto num sentido absoluto, como uma coisa em si, com existência específica, determinada de maneira única. É o espaço do agrimensor e do cartógrafo, identificado mediante um quadro de referências convencional; especialmente as latitudes e as longitudes. Em segundo lugar, há o espaço relativo, que põe em relevo as relações entre objetos e que existe somente pelo fato de esses objetos existirem e estarem em relação uns com os outros. Assim, se tivermos três localidades A, B, C, estando os dois primeiros fisicamente próximos, ao passo que C está longe mas dispõe de melhores meios de transporte para A, é possível dizer, em termos relativos espaciais, que as localidades A e C estão mais próximas entre si do que A de B. Em terceiro lugar, há o espaço relacional, onde o espaço é percebido como conteúdo e representando no interior de si mesmo outros tipos de relação que existem entre objetos [...]" (A. L. Mabogunje, 1980, p. 52).
A terceira acepção de espaço de Mabogunje pode ser aproximada da definição de geografia pelo geógrafo japonês K. Takeuchi (1974, pp. 2-3): "Pensamos que a geografia humana atual deve ser considerada como o estudo dos princípios da organização espacial das atividades humanas ou, ainda, como a análise dos mecanismos e dos processos que regulam o sistema espacial de atividades humanas integradas".

Digitalizado com CamScanner

geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social.

Como totalidade, a sociedade é um conjunto de possibilidades. A totalidade, segundo Kant, é a "pluralidade considerada como unidade" ou a "unidade da diversidade", de acordo com A. Labriola (1982) e E. Sereni (1970). Essa unidade nada mais é que a essência nova ou renovada, cuja vocação consiste em deixar de ser potência para tornar-se ato. Tal conteúdo – a essência – pode ser comparado a uma sociedade em andamento, em evolução, em movimento. Ou, melhor ainda, ao seu presente ainda não realizado.

O conteúdo corporificado, o ser já transformado em existência, é a sociedade já embutida nas formas geográficas, a sociedade transformada em espaço. A fenomenologia do espírito de Hegel seria a transformação da sociedade total em espaço total. A sociedade seria o ser, e o espaço seria a existência. O ser é metamorfoseado em existência por intermédio dos processos impostos por suas próprias determinações, as quais fazem aparecer cada forma como uma forma-conteúdo, um indivíduo separado capaz de influenciar a mudança social. É um movimento permanente, e por esse processo infinito a sociedade e o espaço evoluem contraditoriamente (Santos, 1983, pp. 43-46).

Digitalizado com CamScanner

A globalização da sociedade e da economia gera a mundialização do espaço geográfico, carregando-o de novo significado (S. Amin, 1980, p. 226). Na evolução da sociedade, cada um de seus componentes tem um papel diferente no movimento da totalidade, e o papel de cada uma é diferente a cada momento.

O espaço assume hoje em dia uma importância fundamental, já que a Natureza se transforma, em seu todo, numa forma produtiva (G. Prestipino, 1977, p. 181). Quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização, com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes. Donde uma reorganização das funções entre as diferentes frações de território. Cada ponto do espaço torna-se, então, importante, efetiva ou potencialmente. Sua importância decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas. Como a produção se mundializa, as possibilidades de cada lugar se afirmam e se diferenciam em nível mundial. Dada a crescente internacionalização do capital e a ascensão das firmas transnacionais, observar-se-á uma tendência à fixação mundial – e não mais nacional – dos custos de produção, e a uma igualização das taxas de lucros graças à mobilidade internacional do capital (E. Mandel, 1978, pp. 187-188), ao passo que a procura dos lugares mais rentáveis será uma constante.

É por isso que as diferenciações geográficas ganham uma importância estratégica fundamental, como nota Y. Lacoste (1977, p. 147). Pode-se escolher à distância o lugar ideal para

Digitalizado com CamScanner

uma dada empresa. Ross, Shakow e Susman (1980) lembram, a propósito, que em nossos dias os projetos locais estão subordinados a constrangimentos de natureza mundial.

Pode-se, pois, dizer a respeito dessas novas realidades que tais especializações na utilização do território – sejam elas originalmente naturais ou culturais, ou provenham de intervenções políticas e técnicas – significam uma verdadeira redescoberta da Natureza ou pelo menos uma revalorização total, na qual cada parte, isto é, cada lugar, recebe um novo papel, ganha um novo valor.

Como o fenômeno é geral, poder-se-ia dizer que, nesta fase da história, está se afirmando o caráter geográfico da sociedade, ao qual se referia C. van Paassen já em 1957[5]. O homem atinge enfim um conhecimento analítico e sintético de toda a Natureza e adquire a capacidade de uma utilização geral e global das coisas que o cercam. A partir do momento em que a Natureza se define de nova maneira e suas relações com o homem se renovam, torna-se necessária uma renovação das disciplinas que a estudam. Para a geografia, trata-se de novas perspectivas e de uma capacidade nova de trabalhar com leis universais.

A Caminho de uma Geografia Global

Mas... a geografia já não era global? Um século atrás, K. Ritter e Vidal de la Blache falavam da unidade da Terra. Um autor como K. Boulding (1966, p. 108), embora economista, não

5. "A ciência geográfica tem uma base fenomenológica, ou seja, tem sua origem numa consciência geográfica e torna a sociedade mais consciente da geografia. Por outro lado, porém, o despertar da ciência geográfica depende da existência de uma consciência geográfica natural e pré-científica [...] Os geógrafos e a ciência geográfica não podem existir senão numa sociedade dotada de um senso geográfico." (C. van Paassen, 1957, p. 21, citado por Olavi Granö, 1981, p. 22).

Digitalizado com CamScanner

hesita em afirmar que a geografia é, entre todas, "a disciplina que interpretou a visão do estudo da Terra como um fenômeno global". Mas, em recente artigo, V. D. Dennison (1981, pp. 271-272) parece responder sim e não à questão, ainda que para ele essa disciplina seja sinônimo de estudos mundiais. Uma coisa é a ambição de chegar a isso, ou seja, a vontade de abarcar a totalidade dos fenômenos e de traduzi-los em formulações científicas, outra é conseguir fazê-lo[6].

A velha tradição das escolas nacionais de geografia, ou pelo menos os pressupostos históricos da evolução da ciência geográfica nos diversos contextos nacionais, foi talvez um obstáculo a que fosse atingido um estágio de estudos geográficos globais. É verdade que essa preocupação de globalização é mais bem-sucedida, e há muito tempo, no domínio do que se chama geografia física[7], enquanto na esfera dos fatos sociais ela se revelou mais difícil. Com efeito, nesse domínio os esforços de teorização dificilmente ultrapassam o estágio embrionário, isso quando não são francamente infelizes ou não ficam no mero discurso.

A internacionalização da economia permitiu falar de cidades mundiais, verdadeiros nós na cadeia de relações múltiplas que dão um arcabouço à vida social do planeta[8]. Na verdade, porém,

6. Ainda recentemente, um autor como J. E. McConnell (1982, pp. 1633-1634) se queixa de ainda não se ter conseguido estabelecer sistematicamente as relações existentes entre o comportamento internacional dos sistemas industriais e as formas espaciais.
7. Segundo Voropay (1978, p. 616), a vontade de obter um conhecimento global do Planeta teria começado nos anos de 1930, "quando principia a exploração do oceano mundial e a pesquisa geográfica atinge uma escala mundial".
8. Autores como J. Friedmann (1982) retomam questões como a das "cidades globais", assunto que aliás interessou especialistas das mais diversas disciplinas, como Theodore von Lane (1969), Stephen H. Hymer (1971), G. Modelski (1972), D. A. Heenan (1977), e tantos e tantos outros. O fato, porém, é que somente as grandes metrópoles são, em nossos dias, cidades globais; a mais pequena cidade também o é. Na realidade, é o espaço que se tornou global, mundializado (Santos, 1978).

Digitalizado com CamScanner

é o espaço inteiro que se mundializou, e já não existe um único ponto do globo que se possa considerar como isolado.

A teoria geográfica deveria, então, ser construída com um espírito bem mais amplo. J. F. Unstead, já em 1950, indicava a necessidade de se fazer uma "geografia mundial" ou uma "*geografia global*". Mas os projetos formulados nesse sentido não tiveram andamento. Oscilando entre a descrição e a generalização, desde a Antiguidade até o século XIX, a geografia nunca pôde descrever tudo nem fugir a generalizações frequentemente inconsistentes. No fim do século XIX e no início do século XX, ela assume uma vontade de teorização – ou pelo menos de independência científica – com a postulação de princípios. No entanto, o planeta ainda é mal conhecido e um grande número de outros ramos do conhecimento apenas despontam. Contudo, é ao preço de um grande esforço que a geografia procura estabelecer-se como ciência, mas sem consegui-lo inteiramente.

Parece-nos que a razão desses fracassos não se deve ao talento dos geógrafos, mas ao fato de as condições históricas concretas não terem sido reunidas, donde as dificuldades para a elaboração de uma teoria geográfica. No decorrer do século XX, enquanto o debate sobre a verdadeira natureza da geografia se confunde com o de suas pretensões científicas, ambos deixam na sombra preocupações epistemológicas mais sólidas. Mesmo os esforços empreendidos após a Segunda Guerra Mundial não trouxeram senão uma parte limitada dos frutos visados. Acreditamos, porém, que é justamente agora que se reuniram as condições históricas para construir essa geografia global e também teórica, tão procurada de um século a esta parte.

Digitalizado com CamScanner

Agora que o mundo se mundializou, que será da geografia? Não há dúvida de que o mundo sempre foi um só. Todavia, conforme já lembramos, não era possível apreender-lhe a unicidade, exceto para alguns fenômenos de alcance mais geral e fora do domínio social. Atualmente, com a internacionalização das técnicas, da produção e do produto, do capital e do trabalho, dos gostos e do consumo, a mundialização das relações sociais de todos os tipos (econômica, financeira, política...) é a garantia de universalidade que permite compreender cada fração do espaço mundial em função do espaço global.

Somente a partir dessa universalidade – uma universalidade empírica – é que certas categorias filosóficas podem ser transcritas numa linguagem geográfica com toda a sua significação. É o caso das categorias de universalidade, particularidade e singularidade, assim como das de formas, função, processo e estrutura – esta última como sinônimo de essência, ou seja, de oposição, não muito trabalhada, entre paisagem e sociedade ou mesmo entre paisagem e espaço.

Doravante a geografia está preparada para ultrapassar a "paleodialética" das geografias clássicas e mesmo atuais. Como a "lei zero" da dialética proposta por E. Marquit (1981) – a lei da interconexão universal[9] – é verificável empiricamente, o papel

9. E. Marquit (1981, pp. 309-310) lembra que nos escritos de filosofia marxista-leninista se encontram geralmente três leis da dialética. E acrescenta uma quarta, a que chama Lei Zero, ou Lei da Interconexão Universal, assim enunciada: "Todas as coisas estão ligadas às demais por uma infinidade de conexões. A lei da interconexão universal é a base para o conceito materialista dialético da unidade do mundo e seu conhecimento. Uma exceção qualquer à interconexão universal significaria que existem segmentos da realidade objetiva desconectados do resto, ou seja, não estariam associados a nenhum fenômeno [...]. A lei da interconexão universal é ao mesmo tempo uma afirmação dialética da independência relativa das coisas e dos processos, porque o verdadeiro conceito de interconexão das coisas e dos fenômenos sugere também sua separação relativa [...]".

Digitalizado com CamScanner

da contradição no processo de elaboração do conhecimento, tão justamente sublinhado por Sean Sayers (1981-1982), se impõe com toda a força. Chegamos a ele exatamente porque o processo de internacionalização, iniciado há quase cinco séculos, tornou-se um processo de mundialização. Até então, a totalização com a qual podíamos trabalhar encontrava-se, a princípio, no nível do espírito e era incompletamente realizada nos fatos. Em nossos dias, ela ocorre primeiro nos fatos e nas relações, antes de impor-se ao espírito.

Pode-se dizer que os grandes universais se empiricizam quando, de um lado, a realização prática das técnicas se realiza independentemente do meio que as recebe e, de outro, o conjunto das técnicas utilizadas é, em toda parte, potencialmente o mesmo. A independência das técnicas em face do meio e a mundialização do modelo técnico fazem da técnica um verdadeiro universal concreto (Ladrière, 1968, pp. 216-217; S. Breton, 1968, p. 114), instrumento de crescente solidariedade entre momentos e lugares. Temos aqui um conjunto técnico homogêneo, tornado sistemático porque comandado e vivificado por relações internacionais mundializadas e, por conseguinte, também elas unificadas. Nesse cenário atuam as instituições supranacionais, as firmas transnacionais, os grandes organismos burocráticos centralizados, que existem graças à expansão mundial dos meios de transporte e de comunicação.

O valor universal do modo de produção, em seu momento atual, representa a base material para se chegar a conceitos universais. Samir Amin (1980, p. 4) afirma que são geralmente válidos os conceitos cuja possibilidade de aplicação é geral, lembrando que o modo de produção feudal não tem forçosamente a validez universal, na medida em que foi extraído de uma parte da história,

Digitalizado com CamScanner

e da Europa. Por outro lado, ele considera que Marx não pôde chegar a certas leis universais graças à sua experiência limitada das lutas sociais e à ignorância então generalizada no que se refere aos países não europeus. Talvez não seja exatamente assim, mas, como na época a internacionalização ainda não atingira o estágio de desenvolvimento conhecido atualmente, a extração de categorias universais mostrava-se quase sempre impossível.

A quantidade de relações que entram no funcionamento da sociedade, da economia e da política aumenta de maneira exponencial, de sorte que o leque de variáveis ligadas a um objeto ou fenômeno é bem mais amplo no período atual. As grandes generalizações, portanto, são não apenas possíveis mas necessárias, tornando-se a um tempo mais sistemáticas e afinadas. Sua base, deve-se lembrar, é empírica.

Assim, podemos voltar ao tema da geografia como "ciência dos lugares", à qual se ligam nomes como Vidal de la Blache e C. Sauer, ou ao ressurgimento dessa mesma discussão com o debate sobre a *uniqueness* em que se envolveram, entre outros, Hartshorne (1955), Preston James (1972), Schaefer (1953), Gourou (1973), D. Grigg (1965), Kalesnik (1971), W. Bunge (1966 ; 1979) etc.

Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, "únicos". Isto se deve à especialização desenfreada dos elementos do espaço – homens, firmas, instituições, meio ambiente –, à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal.

Digitalizado com CamScanner

Teríamos, assim, essa totalidade concreta, perceptível através de uma dialética concreta, como a apresentada por G. Lukács em *História e Consciência de Classe* (1960) e Karel Kosik em *Dialéctica de lo Concreto* (1967).

Já não se pode falar de contradição entre *uniqueness* e globalidade. Ambas se completam e se explicam mutuamente. O lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel em sua história, ou, para citar Whitehead (1938, p. 188), "a menor agitação local sacode o universo inteiro" ["any local agitation shakes the whole universe"]. O mundo foi sempre um conjunto de possibilidades. Hoje, porém, tais possibilidades são todas interligadas e interdependentes.

Por uma Geografia Renovada

Em nossos dias, como vimos, as técnicas são utilizadas em toda parte sem consideração pelos sistemas locais de recursos naturais e humanos e superpostas a realidades econômicas e sociais diferentes. Os resultados, criadores de distorções e desigualdades em todos os lugares, impõem a cada local combinações particulares que são outras tantas formas específicas de complexidade da vida social. O problema, portanto, consiste em reconhecer o efeito dessas superposições sobre a existência de cada sociedade.

A ponte a ser lançada entre possibilidades entreabertas e o ato de construir uma nova história virá do domínio complexo onde se encontram esses mesmos dados, segundo combinações variáveis. Daí a importância renovada das ciências do espaço do homem, isto é, da geografia, se o desejo é dominar corretamente as forças de que doravante se dispõe.

Digitalizado com CamScanner

Em face do quadro antigo, o novo *stock*, multiplicado e diferenciado, dos conhecimentos e das possibilidades, implica uma subversão geral para o conjunto das ciências, com a redivisão e o remanejamento dos territórios científicos e a criação de novas disciplinas e a renovação das já existentes.

As ciências devem renovar-se a partir das realidades que condicionam o seu desenvolvimento e para responder ao seu desafio. Tal desafio é definido, sobretudo, pelas novas relações, já estabelecidas ou possíveis, entre uma sociedade tornada universal e os recursos mundiais.

Para a geografia, o fato novo e dominante é o que se pode chamar de maturidade histórica, ou seja, o conjunto dos novos dados que a história do mundo impõe à disciplina. Para os geógrafos, profissionalmente preocupados com o espaço do homem, a nova situação é apaixonante. De um lado, seu campo de interesse se amplia, pois o espaço dito geográfico se torna, mais que nunca, elemento fundamental da aventura humana. De outro, a mundialização do espaço cria as condições – até aqui insuficientes – para estabelecer um corpo conceitual, um sistema de referência e uma epistemologia, recurso de trabalho que sempre faltou a essa disciplina e, por isso, estreitou seu campo de estudo ao longo deste século.

A garantia de universalidade é um trunfo, visto assegurar a possibilidade de melhor compreender cada fração do espaço mundial em função do espaço global e permitir, assim, o reconhecimento e a interpretação das intervenções sobrevindas, enquanto se realiza uma ciência crítica. Isso não era possível antes de o planeta tornar-se realmente mundializado, vale dizer, antes de ele ser o objeto, em cada um de seus pontos, da ação de variáveis cuja dimensão é planetária.

Digitalizado com CamScanner

3

Metamorfoses do Espaço Habitado

Espaço habitado e ecúmeno são sinônimos. Essas expressões fazem parte da linguagem da geografia e das outras disciplinas que estudam o território, mas já invadiram o vocabulário do homem comum. Em nossos dias, como já dizia, há anos, o grande geógrafo francês Maximilien Sorre, "o fato capital é a ubiquidade do homem", capaz de habitar e explorar os mais recônditos lugares do planeta. Poder-se-á, sem dúvida, lembrar as viagens interplanetárias e o passeio do homem sobre a Lua como conquistas recentes do gênio da espécie. Mas a Terra segue sendo a morada do Homem.

A questão do espaço habitado pode ser abordada, segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas. Uma outra abordagem é a que vê o ser humano não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência.

Digitalizado com CamScanner

Podemos assim acompanhar a maneira como a raça humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar). O fenômeno humano é dinâmico, e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado.

A Expansão da População Mundial

A população mundial levou alguns milênios antes de encontrar, nestes dois últimos séculos, um processo de crescimento sustentado. Antes, a curva da população total, como a dos diversos continentes, regiões ou países, oscilava consideravelmente e sobretudo ao sabor de fatores naturais. Quando foi possível trasladar e adaptar espécies vegetais e animais de um lugar a outro, os riscos de fome resultantes de safras desastrosas diminuíram. Quando os progressos da navegação permitiram que os navios fossem maiores e mais velozes, tornou-se possível transportar de um continente a outro grandes quantidades de cereais e de carne, ao nascerem os navios frigoríficos. Os avanços da industrialização e sua repercussão em todo o mundo levam a um progressivo aumento do bem-estar, embora desigualmente distribuído. Os progressos da medicina, lentamente obtidos nos séculos anteriores, multiplicam-se desde o fim do século XIX. Então, o crescimento demográfico torna-se estável graças à queda da mortalidade e à normalização ou aumento da natalidade. Aliás, esses últimos fenômenos são muito mais sensíveis nos países "novos" ou "subdesenvolvidos". Da instabilidade da curva demográfica passamos a um crescimento galopante da população mundial.

Digitalizado com CamScanner

A aceleração da expansão demográfica é cumulativa. Entre a época neolítica, quando houve a grande revolução que gerou o *homo sapiens*, até os inícios da cristandade, um período que se conta em milênios (três? cinco?), a população do planeta apenas dobra, passando de 100 ou 120 milhões a 250 milhões de habitantes. Para que a população dobrasse outra vez, foram necessários quase quinze séculos, entre a época romana e o reinado de Luís XIV, quando os efetivos humanos somavam 500 milhões, para alcançar 545 milhões em 1750. A nova duplicação do estoque humano vai dar-se em apenas um século, pois em torno de 1850 havia entre 1,1 bilhão e 1,2 bilhão milhões de homens. Desde a fase em que Bismarck e Cavour constroem a unidade da Alemanha e da Itália e o fim da Segunda Guerra Mundial, a população mundial duplica de novo, chegando a 2,4 bilhões em 1950. Daí para cá, a aceleração se torna prodigiosa. Quinze anos depois, em 1965, contamos 3,5 bilhões de criaturas sobre a face da terra. Somos, hoje, quase 5 bilhões e admite-se que na virada do século a sociedade humana estará formada por quase 6,5 bilhões de viventes.

Heterogeneidade do Espaço Habitado

A evolução global da população mundial só pode ser completamente entendida se considerarmos ao menos três dados essenciais. Primeiro, a distribuição da população entre as diversas áreas do Globo, e dentro de cada país, evolui de maneira desigual. Depois, como isso não é apenas o resultado do excesso de nascimentos sobre o de mortes, temos de levar em conta as migrações internas e internacionais, cada vez mais frequentes. Mas, também, as porções de território ocupadas pelo homem vão mudando desigualmente de natureza e de composição, exigindo

Digitalizado com CamScanner

uma nova definição. As noções de espaço habitado como de terra habitada vão se alterando brutalmente depois da Revolução Industrial e, especialmente, após os anos de 1950.

Enquanto a Europa e a parte asiática da antiga União Soviética levam um século, entre 1860 e 1960, para ver duplicada a sua população, o mesmo resultado é obtido em sessenta anos pela Ásia e pela África; em quarenta anos para a América do Norte e em trinta anos para a América do Sul. Quanto ao Brasil, a população mais do que duplica em trinta anos, entre 1890 e 1920 e triplica nos quarenta anos que separam 1940 e 1980. Nos últimos 25 anos desse tempo ela praticamente dobra, passando dos 70 milhões contados em 1960, para os (aproximadamente) 135 milhões atuais [1985][1]. Uma das características do espaço habitado é, pois, a sua heterogeneidade, seja em termos da distribuição numérica entre continentes e países (e também dentro destes), seja em termos de sua evolução. Aliás, essas duas dimensões escondem e incluem outra: a enorme diversidade qualitativa sobre a superfície da terra quanto a raças, culturas, credos, níveis de vida etc.

Em um Século, uma Humanidade Misturada

A segunda metade do século XIX marca o começo das migrações maciças dos países "velhos" para as nações "novas",

1. Os países subdesenvolvidos continham 79,2% da humanidade em meados do século XVII. Essa proporção vai declinando, primeiro lentamente e depois mais rapidamente, durante os dois séculos seguintes, em favor dos países hoje desenvolvidos: eram 78,4% em 1800, 72% em 1850 e 68% em 1900. A Segunda Guerra Mundial marca um ponto de inflexão, pois em 1961 a população dos países pobres representa 69,1% do total mundial e em 1985 é já correspondente a 74%. E não para de crescer, na medida em que os índices de fertilidade baixam na Europa e nos Estados Unidos e são mais altos na Ásia, na África e na América Latina, apesar das ricas campanhas de controle de natalidade que se fazem nesta parte do mundo, sob os auspícios de países do Centro.

Digitalizado com CamScanner

onde se instalam centenas de milhares de europeus. O fenómeno é particularmente sensível nos Estados Unidos, Canadá, Uruguai, Argentina, Brasil, Chile, Austrália, Nova Zelândia, mas também nos países africanos e asiáticos recém-colonizados, como, igualmente, no resto da América Latina e do mundo.

Após a Segunda Guerra Mundial, há tendência à inversão das correntes migratórias, graças, em grande parte, à prosperidade renovada nos países ricos, cujos habitantes desdenham as tarefas consideradas mais humildes, pesadas ou degradantes. Largos contingentes de população se deslocam de países vizinhos mais pobres da Europa e, mais tarde, de antigos países coloniais. O outro lado da colonização é a *colorização* da Europa. Nos Estados Unidos, agora o país central, o fornecimento de mão de obra barata vem da América Latina, sobretudo do México e de Porto Rico, mas também de outros países.

As mudanças políticas, frequentes nos países subdesenvolvidos, geraram também várias e volumosas correntes migratórias, mas há ainda migrações internacionais de trabalho bastante expressivas.

A Exploração Urbana e Metropolitana

Dentro dos países, a repartição geográfica da população também muda. Certas regiões perdem população em proveito de outras, tornadas mais dinâmicas (no caso do Brasil, a perda de substância demográfica do Nordeste em favor do Sudeste é notória), mas o essencial do movimento se deve à urbanização[2].

2. Entre 1800 e 1950 a população mundial multiplicou-se por 2,3 enquanto a população urbana total se multiplicava por 20. Em 1800, 27,4 milhões de pessoas viviam em cidades com mais de 5 mil habitantes; em 1850 eram 75 milhões; eram 219 milhões em 1900 e 716 milhões em 1950. Em 150 anos, a população dessas localidades passou de 3% a quase 30% da população mundial.

Digitalizado com CamScanner

Tomando o planeta como um todo, a população considerada urbana representava apenas 1,7% do total nos inícios do século XIX; em 1950, esse percentual era de 21%, porcentagem que passa para 25% em 1960, para 37,4% em 1970 e cerca de 41,5% em 1980.

O fenômeno da urbanização é, em meados da década de 1980, avassalador nos países do Terceiro Mundo. A população urbana dos países subdesenvolvidos (tomadas apenas as cidades com mais de 20 mil habitantes) é multiplicada por 2,5 entre 1920 e 1980, enquanto nos países subdesenvolvidos o multiplicador se aproxima de 6. O retardo da urbanização nos países do "Sul" é seguido por uma verdadeira revolução urbana. No caso do Brasil, a população urbana é praticamente multiplicada por 5 nos últimos 35 anos [1953-1988] e por mais de 3 nos últimos 25 anos [1963-1988].

A proliferação de grandes cidades foi surpreendente nos países pobres. Das 26 cidades mundiais com mais de 5 milhões de habitantes em 1980, dezesseis estão nos países subdesenvolvidos. Estima-se que, no ano 2000, das sessenta cidades com essa população no mundo inteiro, 45 estarão no Terceiro Mundo.

A Criação de um Meio Geográfico Artificial

As mudanças são quantitativas, mas também qualitativas. Se até mesmo nos inícios dos tempos modernos as cidades ainda contavam com jardins, isso vai se tornando mais raro: o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva, crescentemente encobertos pelas obras dos homens. A paisagem cultural substitui a paisagem natural e os artefatos tomam, sobre a superfície da terra, um lugar cada vez mais amplo. Com o aumento das populações urbanas, ocupadas

Digitalizado com CamScanner

em atividades terciárias e secundárias, o campo é chamado a produzir mais intensivamente. No século XIX, para alimentar um habitante urbano, eram necessárias cerca de sessenta pessoas trabalhando no campo. Essa proporção vai se modificando ao longo destes dois séculos. Em certos países, hoje, há um habitante rural para cada dez urbanos. No Brasil caminhamos para igual proporção em certas regiões, como na maior parte do Estado de São Paulo.

A agricultura passa, então, a beneficiar-se dos progressos científicos e tecnológicos, que asseguram uma produção maior sobre porções de terra menores. Os progressos da química e da genética, juntamente com as novas possibilidades criadas pela mecanização, multiplicam a produtividade agrícola e reduzem a necessidade de mão de obra no campo. A urbanização ganha, assim, novo impulso, e o espaço do homem, tanto nas cidades como no campo, vai se tornando um espaço cada vez mais instrumentalizado, culturizado, tecnificado e cada vez mais trabalhado segundo os ditames da ciência. O capital constante, que antes era apanágio das cidades, sobretudo naquelas onde se concentrava a produção industrial, passa também a caracterizar o próprio campo, na forma de implementos, fertilizantes e inseticidas, máquinas e sementes selecionadas. Esse capital constante, fixo ou localizado, chega, aliás, a toda parte apoiado pela expansão da rede de estradas de ferro e de rodagem que vão assegurar uma circulação mais rápida e relativamente mais barata, sem a qual o abastecimento das cidades se tornaria impossível. O fato de que a energia se transporte em forma de eletricidade, ou através de modernos condutos de óleo, de gasolina ou de gás, vai permitir, depois, a desconcentração industrial, enquanto no século passado o fenômeno da industrialização explica as grandes

Digitalizado com CamScanner

concentrações urbanas da Europa e do Leste dos Estados Unidos. Os transportes se modernizam, encurtando as distâncias entre as cidades e dentro delas. E o urbanismo subterrâneo se transforma em um suporte indispensável às formas de vida e às atividades econômicas contemporâneas.

Tudo isso se dá em um quadro de vida em que as condições ambientais são ultrajadas, com agravos à saúde física e mental das populações. Deixamos de entreter a natureza amiga e criamos a natureza hostil.

Da Natureza Hostil a um Espaço do Homem?

O exame do que significa, em nossos dias, o espaço habitado deixa entrever claramente que atingimos uma situação-limite, além da qual o processo destrutivo da espécie humana pode tornar-se irreversível. O espaço habitado se tornou um meio geográfico completamente diverso do que fora na aurora dos tempos históricos. Não pode ser comparado, qualitativa ou estruturalmente, ao espaço do homem anterior à Revolução Industrial. Como assinala Garrett Eckbo em seu belo livro *A Paisagem que Vemos* [*The Landscape We See*], com a Revolução Industrial a articulação tradicional, histórica, da comunidade, com o seu quadro orgânico natural, foi então substituída por uma vasta anarquia mercantil. Agora o fenômeno se agrava, na medida em que o uso do solo se torna especulativo e a determinação do seu valor vem de uma luta sem trégua entre os diversos tipos de capital que ocupam a cidade e o campo. O fenômeno se espalha por toda a face da terra e os efeitos diretos ou indiretos dessa nova composição atingem a totalidade da espécie. Senhor do mundo, patrão da natureza, o homem

Digitalizado com CamScanner

se utiliza do saber científico e das invenções tecnológicas sem aquele senso de medida que caracterizou as suas primeiras relações com o entorno natural. O resultado, estamos vendo, é dramático.

Digitalizado com CamScanner

4

Categorias Tradicionais, Categorias Atuais

As mudanças que o território vai conhecendo, nas formas de sua organização, acabam por invalidar os conceitos herdados do passado e obrigar a renovação das categorias de análise. Damos, a seguir, alguns exemplos da substituição imperiosa de tais conceitos.

A Expansão da População Mundial

Geógrafos dos mais renomados e das mais diversas origens tiveram na região um domínio de aprofundados estudos, tanto no nível da teorização como no do campo dos trabalhos empíricos. Os enfoques são múltiplos, conforme nos mostra muito bem R. Lobato Corrêa (1986).

Durante um longo período muitos a estudaram isoladamente do mundo como um todo. Viam-na como uma entidade autônoma, com aspectos particulares, o que equivalia a dividir o mundo

Digitalizado com CamScanner

em uma infinidade de regiões autossuficientes que mantinham poucas relações entre si. Mas o mundo mudou e as transformações são cada vez mais intensas e velozes. O território a cada momento foi se organizando de maneira diversa, muitas reorganizações do espaço se deram e continuam acontecendo, atendendo aos reclamos da produção da qual é arcabouço. Merecem destaque especial as transformações ocorridas a partir de meados do século XX, que representaram muito mais do que uma simples mudança. Assim como por ocasião das Grandes Navegações, no século XVI, e da Revolução Industrial, no século XVIII.

Este novo momento da história do homem é marcado pela "crescente internacionalização da economia capitalista com uma total interdependência das diferentes economias nacionais e uma nova divisão internacional do trabalho" (Castells, 1986, p. 7). O mundo, como um todo, tornou-se uno para atender às necessidades da nova maneira de produzir, que passa por cima de regiões, países, culturas etc. Mas, enquanto os processos modernos de produção se espalham por todo o planeta, a produção se especializa regionalmente.

Intensificam-se as trocas, as relações entre diferentes áreas do globo tornam-se mais intensas e assumem diversos papéis, não só econômicos mas também políticos, culturais etc. Qualquer parte do globo ganha nova conotação, tornando-se cada vez mais aberta, mais vulnerável às influências exógenas. As crescentes relações com áreas cada vez mais distantes suprimem as veleidades de autonomia. Não há, pois, como considerar a região como autônoma.

Compreender uma região passa por entender como funciona a economia em nível mundial e rebatê-la no território de um país, com a intermediação do Estado, das demais instituições

Digitalizado com CamScanner

e do conjunto de agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos.

Estudar uma região significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interação e contradição.

Se o espaço se torna uno para atender às necessidades de uma produção globalizada, as regiões aparecem como as diferentes versões da mundialização. Esta não garante a homogeneidade, mas, ao contrário, instiga diferenças, reforça-as e até mesmo depende delas. Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos.

É neste contexto que o estudo regional assume importante papel nos dias atuais, com a finalidade de compreender as diferentes maneiras de um mesmo modo de produção reproduzir-se em distintas regiões do globo, dadas as suas especificidades. A região torna-se uma importante categoria de análise, importante para que se possa captar a maneira como uma mesma forma de produzir se realiza em partes específicas do planeta ou dentro de um país, associando a nova dinâmica às condições preexistentes.

Não basta compreender teoricamente o que se passa no mundo, temos de ter nossa atenção também voltada para as diferentes geografizações das variáveis inerentes à nova maneira de produzir. Não podemos desprezar essa importante via de compreensão da realidade. Hoje a região, o regional, a regionalização têm de ser assim entendidos.

Mas, se para a compreensão de uma fração qualquer do planeta a totalidade do processo que a molda há de estar presente, assim também, para a compreensão da realidade global, é indispensável o entendimento do que é a vida nas diferentes regiões; de seus funcionamentos específicos, de suas especializa-

Digitalizado com CamScanner

ções, de suas relações, enfim, de seu arranjo particular, sempre em movimento. Um mesmo elemento – um banco, um *shopping center*, uma casa de comércio de insumos agrícolas, uma escola superior, a verticalização da habitação, financiamentos governamentais, uma autoestrada, um aeroporto etc. – terá impactos diferentes em áreas distintas de um país ou do planeta. Para isso concorrerão a história do lugar, as condições existentes no momento da internalização (quando o que é externo a uma área se torna interno) e o jogo de relações que se estabelecerá entre o que chega e o que preexiste. É esse conjunto de coisas que fará com que um mesmo processo de escala mundial tenha resultados distintos, particulares, segundo os lugares.

Num estudo regional deve se tentar detalhar sua composição como organização social, política, econômica e cultural, abordando-lhe os fatos concretos, para reconhecer como a área se insere na ordem econômica internacional, levando em conta o preexistente e o novo, para captar o elenco de causas e consequências do fenômeno.

Os elementos que se agrupam dando a configuração espacial de um lugar têm de passar por um estudo aprofundado, desde o homem até as instituições que vão dirigir, juntamente com as firmas, as formas de materialização da sociedade. Destrinchar as relações existentes entre esses elementos, tornando os conceitos em realidades empíricas, permitirá que se vislumbre, no tempo e no espaço, a transformação.

A busca da explicação das transformações passa pela compreensão dos grandes grupos de variáveis que compõem o território, a começar pelos indicadores mais comuns a esse tipo de trabalho até os mais complexos, reveladores das grandes mudanças ocorridas no período técnico-científico – tipologia das

Digitalizado com CamScanner

tecnologias, dos capitais, da produção, do produto, das firmas, instituições; intensidade, qualidade e natureza dos fluxos; captação dos circuitos espaciais de produção; peso dos componentes técnicos modernos na produção agrícola; expansão das agroindústrias; novas relações de trabalho no campo; desmaterialização da produção etc. Tais variáveis são interdependentes, umas sendo causa e/ou consequência de outras, não tendo portanto real valor se não forem analisadas em conjunto.

Circuitos Espaciais de Produção

Hoje, a noção de região inclui-se num contexto maior, onde também já não podemos falar da clássica noção de rede urbana; assim também já não podemos nos referir às clássicas noções de relação cidade-campo. Não é que não existam ainda hoje essas relações, mas mudaram de conteúdo e de forma. Hoje, uma cidade pode não manter intercâmbio importante com sua vizinha imediata e, no entanto, manter relações intensas com outras muito distantes, mesmo fora de seu país. Por exemplo, uma indústria mecânica localizada na cidade de Sertãozinho, que pertence à Sexta Região Administrativa do Estado de São Paulo, composta por oitenta municípios, mantém relações comerciais, tanto de compra como de venda, com apenas umas seis cidades locais; no entanto, ela mantém relações intensas com a capital do Estado e com outros países, já que exporta grande parte de sua produção anual de máquinas.

O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Já não podemos falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções,

Digitalizado com CamScanner

temos de falar de circuitos espaciais da produção. Esses seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final. Se quiséssemos, por exemplo, conhecer os circuitos produtivos da agroindústria de cana-de-açúcar, teríamos de observar todos os momentos da produção, desde o plantio de cana até o consumo do álcool, do açúcar ou de outros derivados. Teríamos de observar, então, vários itens distintos, sobre a matéria-prima – local de origem, formas de seu transporte, tipo de veículo transportador etc.; sobre a mão de obra –, qualificação, origem, variação das necessidades nos diferentes momentos da produção etc.; sobre estocagem – quantidade e qualidade dos armazéns, dos silos, proximidade da indústria, relação entre estocagem e produção etc.; sobre transportes – qualidade, quantidade e diversidade das vias de transportes, dos meios de transporte etc.; sobre a comercialização – existência ou não de monopólio de compra, formas de pagamento, taxação de impostos etc.; sobre o consumo – quem consome, onde, tipo de consumo, se produtivo ou consumitivo etc. Se formos estudar os circuitos espaciais da produção canavieira no Estado de São Paulo, produtor de mais de 50% da colhida no país no ano de 1980, poderíamos começar estudando seu plantio numa das áreas produtoras e terminá-lo onde há o consumo do álcool e do açúcar e seus derivados.

Uma mesma área, hoje, pode ser ponto de confluência de diversos circuitos produtivos. Numa mesma região realizam-se diferentes fases de distintos circuitos de produção. A análise destes junto com a dos círculos de cooperação (Santos, 1985) nos dá a organização local e sua posição na hierarquia do poder mundial. "Discutir os circuitos espaciais da produção é discutir a espacialização da produção – distribuição-troca-consumo

Digitalizado com CamScanner

como movimento circular constante. Captar seus elementos determinantes é dar conta da essência de seu movimento." (A. C. R. Moraes, 1985, p. 4).

Especializações Produtivas e Aumento da Circulação

Com a difusão dos transportes e das comunicações, cria-se a possibilidade da especialização produtiva. Regiões se especializam, não mais precisando produzir tudo para sua subsistência, pois, com os meios rápidos e eficientes de transporte, podem buscar em qualquer outro ponto do país, e mesmo do planeta, aquilo de que necessitam.

Antes dessa possibilidade, a maioria das regiões produzia quase tudo de que necessitava para sua reprodução; produzia-se quase tudo em todos os lugares; vivia-se praticamente em autarquia. Hoje, assistimos à especialização funcional das áreas e lugares, o que leva à intensificação do movimento e à possibilidade crescente das trocas. Por isso crescem não só as grandes cidades mas também as cidades médias. Quanto maior a inserção de ciência e tecnologia, mais um lugar se especializa, mais aumenta o número, intensidade e qualidade dos fluxos que chegam e saem de uma área. Esse processo pode conduzir à estagnação ou mesmo ao desaparecimento das cidades pequenas.

A diminuição relativa dos preços dos transportes, sua qualidade, diversidade e quantidade cria uma tendência ao aumento de movimento. O número de produtos, mercadorias e pessoas circulando cresce enormemente e, como consequência, a importância das trocas é cada vez maior, pois elas não apenas se avolumam como se diversificam. Novos complicadores surgem, pois, para a análise de qualquer situação hoje. Entre eles poderíamos citar a

Digitalizado com CamScanner

modernização agrícola, com os progressos da biotecnologia e da mecanização, a desmaterialização da produção e dos produtos, a desvinculação da produção agrícola do consumo alimentar, ao mesmo tempo, aliás, que as agroindústrias ganham em importância, tudo isso trazendo consigo uma grande diversidade de repercussões geográficas. Dentre estas, contam-se: o domicílio não rural de parte crescente da mão de obra agrícola; a diversidade de fluxos e a intensidade de relações de todos os níveis, resultado dos altos níveis de especialização; os novos objetos geográficos, criados para atender às novas condições técnicas; e a dissolução da metrópole, isto é, a possibilidade aberta às grandes cidades de mostrarem presença imediata em todo o território.

O desenvolvimento teórico e metodológico nos ensina o que deixa de ter valor teórico e metodológico e leva-nos a substituir as categorias tradicionais por categorias atuais, isto é, do presente. Um exemplo disso é exatamente a impossibilidade, hoje, de simplesmente falarmos, como há vinte anos, em dicotomias como cidade/campo, agrícola/industrial etc. Hoje o agricultor pode também ser o homem urbano. O melhor exemplo disso é a existência do trabalhador volante – o "boia-fria" –, que é um trabalhador agrícola mas, já não é um habitante da zona rural. Os dois mercados de trabalho tendem a se confundir.

Vale, então, a pena retomar o debate sobre se a geografia seria então uma ciência dos lugares, como há quase um século já nos dizia Vidal de la Blache, ou se apenas seria uma ciência dos homens. Parece-nos que hoje a geografia tende a ser cada vez mais a ciência dos lugares criados ou reformados para atender a determinadas funções, ainda que a forma como os homens se inserem nessa configuração territorial seja ligada, inseparavelmente, à história do presente. Se os lugares podem,

Digitalizado com CamScanner

esquematicamente, permanecer os mesmos, as situações mudam. A história atribui funções diferentes ao mesmo lugar. O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam – ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos –, mas que não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem.

A Cidade: O Lugar Revolucionário

Na transição do feudalismo para o capitalismo, quando as terras pertencem aos senhores feudais, a cidade aparece como o lugar do trabalho livre. O burgo, lugar onde o trabalho livre é possível, concentra os artesãos, o pedreiro, o alfaiate, mas também os comerciantes. Esse lugar, a cidade, se diferencia do campo, entre outros motivos, pela possibilidade desse trabalho livre.

A cidade aparece, então, como uma semente de liberdade; gera produções históricas e sociais que contribuem para o desmantelamento do feudalismo. Representa a possibilidade do homem livre, da liberdade de escolha, muito embora esta fosse relativa, já que os ofícios eram regulamentados pelas corporações, pelas confrarias.

As cidades puderam formar-se graças a um determinado avanço das técnicas de produção agrícola, que propiciou a formação de um excedente de produtos alimentares. Com a existência desse excedente, algumas pessoas puderam dedicar-se a outras atividades, sendo a cidade, predominantemente, lugar de atividades não agrícolas.

A cidade renasce (pois já existia antes do feudalismo – as primeiras formam-se por volta de 3500 a.C.) no momento em

Digitalizado com CamScanner

que se conhece um movimento bastante intenso de trocas. A descoberta da América, a intensificação das relações comerciais com a Ásia e a África fazem crescer as cidades. Quando se compra mais, as cidades produzem mais, trocam mais excedentes entre si e, consequentemente, podem expandir-se e veem seus espaços, elementos e relações aumentados; crescem e especializam-se em determinadas atividades.

A cidade reúne um considerável número das chamadas profissões cultas, possibilitando o intercâmbio entre elas, sendo que a criação e a transmissão do conhecimento têm nela lugar privilegiado. Dessa forma, a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas. Diga-se, então, que é, a cidade, lugar de ebulição permanente.

Nessa transição do feudalismo para o capitalismo, com o fortalecimento das cidades (burgos), a burguesia era a classe revolucionária; opunha-se à aristocracia (detentora das terras). Alguns autores, entre os quais o próprio Marx, afirmam que, em seus primórdios, o capitalismo é revolucionário na história da humanidade, pois, entre outras coisas, aumentou o número de pessoas que habitam as cidades, que têm então caráter transformador, e fez crescer o trabalho livre.

Novas Relações Cidade-Campo

Durante alguns séculos, campo e cidade interagiam mutuamente. Mas, com o processo que se inicia com as grandes navegações e consolida-se com a Revolução Industrial, já não é possível ficarmos imunes às mudanças e continuarmos com os mesmos conceitos e classificações hierárquicas. Quando Lisboa, Londres etc. têm relações intensas com áreas distantes, de onde

Digitalizado com CamScanner

vem grande parte de suas riquezas, é pouco falarmos apenas em uma cidade que tem um campo do qual depende e vice-versa, ou antes, é incorreto. As relações com áreas distantes do campo imediato passa a ser uma constante, e mesmo uma necessidade. Mas a noção antiga perdurou, e ainda hoje, quando a vida rural às vezes se torna quase autônoma em relação à próxima cidadezinha, ainda encontramos incorretamente mencionado o tipo clássico de relações entre cidade e campo.

Quanto mais modernizada a atividade agrícola, mais amplas são as suas relações, mais longínquo o seu alcance. Por isso pode falar-se em curto-circuito da cidade próxima, já que o esquema tradicional era rompido. Que fazer, desse modo, com o velho conceito de rede urbana (cidades maiores tendo as menores como tributárias) no seu esquema piramidal e militar? Os esquemas a seguir representam a visão tradicional da rede urbana e, por outro lado, uma aproximação da realidade tal como hoje se dá.

Pelo esquema tradicional, havia uma série de degraus, de etapas, e galgá-los era crescer em importância, subir na hierarquia,

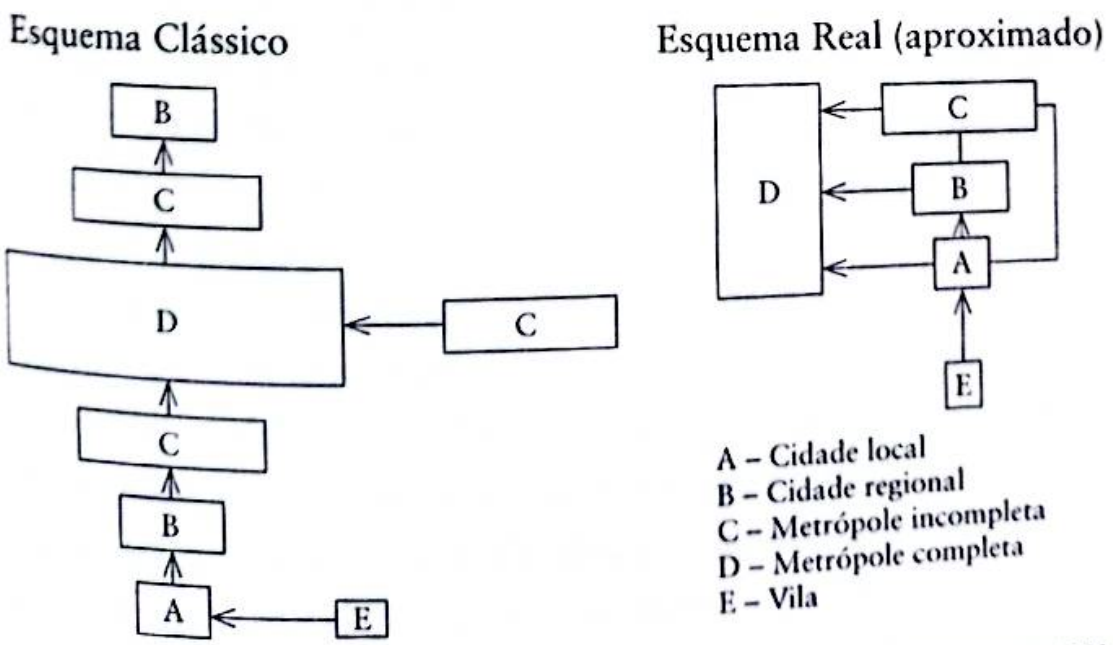

FIGURA 1 – AS RELAÇÕES ENTRE AS CIDADES EM UMA REDE URBANA

Digitalizado com CamScanner

ascender na escala da rede urbana. Utilizou-se esse esquema por volta de um século, e apenas no início da década de 1970 é que se elaboram as primeiras propostas contra tal esquema, sugerindo que ele fosse abandonado (Santos, 1975), já que a cidade não mantém relações apenas com as outras mais próximas na pirâmide.

Nova Hierarquia Urbana

A proposta de abandono desse esquema hierárquico tem como argumento a história concreta, ou seja, a observação das transformações reais, palpáveis, processadas ao longo do tempo. Os transportes e as comunicações conheceram grandes avanços nos países subdesenvolvidos – por exemplo, os processos maiores são obtidos por meio do ônibus e do automóvel e os fluxos podem intensificar-se graças à sua maior flexibilidade, o que não podia ser alcançado com o trem, meio muito mais rígido e inflexível. A melhoria das estradas e dos veículos, o encontro de combustíveis mais baratos representam modernizações que permitem a diminuição dos custos. De modo geral, o preço do transporte aumenta menos que o dos demais fatores da produção, e a redução do custo das viagens possibilita às pessoas escolher onde adquirir bens e serviços, que frequentemente vão buscar em lugares mais distantes, mas onde os preços praticados oferecem maiores atrativos. Naturalmente, os que fazem essas viagens de consumação são os que dispõem de mobilidade. Essa mobilidade no território é, aliás, negada aos que dispõem de menos rendas.

Quem não pode mover-se periodicamente para obter os novos itens de consumo que a publicidade lhe insinua, acaba saindo de vez. Temos aí um novo motivo para o aumento do número de migrantes para os maiores centros. Não esqueçamos o papel que

Digitalizado com CamScanner

o transistor, chegando aos pontos mais recuados do território, teve na revolução dos hábitos de consumo. Como as pequenas cidades não têm condições concretas de suprir-se de todos os bens e serviços, ou os vendem muito caro, acabam por perder boa parte dos seus habitantes. A migração, em última instância, é, sem paradoxo, consequência também da imobilidade. Quem pode, como já mencionamos, vai consumir e volta ao lugar de origem. Quem não pode locomover-se periodicamente, vai e fica. A migração, que também se dava em cascata, seguindo os degraus da mencionada hierarquia urbana, dá-se cada vez mais diretamente para os grandes centros. Desse modo há, também, modificações dos volumes relativos dentro do sistema urbano. Acrescentemos a tudo isso a realidade das agroindústrias – atividades modernas, sequiosas de tecnologia, capitais, informação e altos lucros –, que passam a relacionar-se diretamente com os grandes centros. Só a produção direta se dá localmente. Mas a garantia de participar de uma lógica que é extralocal insere essas atividades em nexos cada vez mais extralocais.

Com a transformação do mundo, devemos, assim, substituir as antigas categorias de análise por outras, que deem conta da explicação do novo e da mudança. A análise, para ser válida, não pode ser vazia da história concreta. Como resposta às novas redes de relações é que podemos, hoje, falar de uma nova hierarquia urbana.

O Presente e a Totalidade

A geografia deve preocupar-se com as relações presididas pela história corrente. O geógrafo torna-se um empiricista e está condenado a errar em suas análises se considera somente o lugar, como se ele tudo explicasse por si mesmo, e não a his-

Digitalizado com CamScanner

tória das relações, dos objetos sobre os quais se dão as ações humanas, já que objetos e relações mantêm ligações dialéticas, onde o objeto acolhe as relações sociais, e estas impactam os objetos. O geógrafo seria funcionalista se levasse em conta apenas a função; e estruturalista se apenas indicasse as estruturas, sem reconhecer o seu movimento histórico ou a relação social sem o conhecimento do que a produziu. Impõe-se, na análise, apreender objetos e relações como um todo, e só assim estaremos perto de ser holistas, isto é, gente preocupada com a totalidade.

A relação social, por mais parcial ou mais pequena que pareça, contém parte das relações que são globais ("mais pequena" é escrito aqui no sentido hispânico de menor de todas). Por exemplo, a história que se passa, neste exato instante, em um lugarejo qualquer não se restringe aos limites desse lugarejo, ela vai muito além. A história da produção de um fato desencadeia um processo bem mais abrangente, que insere o fenômeno em contextos cada vez mais amplos.

É só através dessa relação que não nos enganamos diante das coisas que têm a mesma aparência. Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico. Dessa maneira, conseguimos compreender como nossa disciplina estuda as relações, que se dão através dos objetos. Há uma interdependência entre os objetos e as relações.

Quando trabalho com o mundo, utilizo todas as suas variáveis em um momento dado. Mas nenhum lugar pode acolher nem todas nem as mesmas variáveis, nem os mesmos elementos, nem as mesmas combinações. Por isso cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem, muitas

Digitalizado com CamScanner

vezes, ser comuns a vários lugares. O acontecer global dá-se seletivamente, de modo ímpar, ainda que sempre comandado pela totalidade, e é isso que nos leva imperativamente à necessidade de atentar para a história concreta do hoje, da comunidade humana, sua atualidade, não importa o lugar particular onde o novo se mostre.

A teorização depende de um esforço de generalização e de um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem das possibilidades; a individualização nos indica como, em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam.

Apenas a partir do momento no qual a informação se torna imediata é que podemos construir a teoria na ciência geográfica. Na medida em que a cada dia posso entender as novas relações criadas pelas novas técnicas, estamos muito mais próximos da teoria geográfica, pois a história nos ajuda a ver os fatos da globalização. O que prejudica é que não conhecemos o fato em si, mas as interpretações que são realizadas pelas agências internacionais. Por isso há necessidade, por parte do intelectual, de ler não apenas uma, mas as várias versões sobre um fato, para que possa ter uma outra visão do mundo, uma visão real dos fatos concretos, já que o mundo pode ser visto com muitas lentes distintas.

Digitalizado com CamScanner

5

Paisagem e Espaço

O espaço está no centro das preocupações dos mais variados profissionais. Para alguns, objeto de conhecimento, para outros simples meio de trabalho. Há desde os que o veem como um produto histórico até os que o encaram como um processo histórico. Poderíamos dizer que o espaço é o mais interdisciplinar dos objetos concretos (Santos & Souza, 1986, p. 1).

Todos os espaços são geográficos porque determinados pelo movimento da sociedade, da produção. Mas tanto a paisagem como o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.

Paisagem, o Que É

Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível,

Digitalizado com CamScanner

aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.

Percepção e Conhecimento

Nossa visão depende da localização em que se está, se no chão, em um andar baixo ou alto de um edifício, num miradouro estratégico, num avião... A paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo o lugar onde estejamos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam os obstáculos à visão, e o horizonte vislumbrado não se rompe.

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva – pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto e um artista veem, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta. Isso também para profissionais com diferente formação e para o homem comum.

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; desse modo, a visão – pelo homem – das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência.

Já houve tempo em que, para muitos, a geografia teria como objeto o estudo da paisagem. Mas Sorre introduzia uma ressalva, distinguindo o fenômeno geográfico de sua mera ex-

Digitalizado com CamScanner

pressão corpórea. Dizia o grande mestre francês que o geógrafo devia utilizar, em sua descrição, "a noção capital de complexo geográfico local, cuja expressão concreta é a paisagem". E acrescentava: "Eis o verdadeiro dado geográfico" (Megale, 1984, p. 126), como se quisesse mostrar o interesse de alcançar a essência do acontecer geográfico.

Paisagem e Região

Muitos também davam como sinônimos paisagem e região. É fato que, em tempos bastante remotos, a geografia correspondente a cada grupo seria explicada pela própria ação do grupo, e a paisagem e a região estavam diretamente associadas. Essa ideia persistiu no espírito dos geógrafos europeus até o fim do século passado.

A teoria de Vidal de la Blache concebia o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície terrestre, que em cada lugar se adaptou ao meio que o envolvia, criando, no relacionamento constante e cumulativo com a natureza, um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis. A esse conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente, Vidal denominou "gênero de vida", que exprimia uma relação entre a população e os recursos, uma situação de equilíbrio, constituída historicamente pelas sociedades. A diversidade dos meios explicaria a diversidade dos gêneros de vida (Moraes, 1986, pp. 68-69).

Na Europa, a personalidade de cada região foi se constituindo como resultado de uma longa evolução e os traços do passado podiam, por isso, cristalizar-se. As atividades criadas se mantinham durante um longo período, dando a impressão de

Digitalizado com CamScanner

imobilidade. Daí a ideia de que a paisagem, criada em função de um modo produtivo duradouro, devia confundir-se com a região, isto é, a área de ação do grupo interessado.

É fato que assim (e sobretudo no começo da história do homem) era possível entrever certa semelhança entre paisagem e região. Mas o mundo mudou, e hoje a confusão entre os dois conceitos já não é possível. A geografia já não é o estudo da paisagem, como imaginavam nossos colegas de antanho; não que eles estivessem errados, apenas houve grandes transformações no mundo.

A modernização da agricultura, a dispersão industrial introduzem formas novas de organização espacial.

Os Objetos Culturais

Carl Sauer, pai da geografia cultural – muito próxima da antropogeografia de Ratzel e da geografia humana de Vidal de la Blache –, propôs que considerássemos dois tipos de paisagem, a natural e a artificial. Argumenta dizendo que, à medida que o homem se defronta com a natureza, há entre os dois uma relação cultural, que é também política, técnica etc. É a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx.

Dessa maneira, com a produção humana há a produção do espaço. O trabalho manual foi sendo relegado a segundo plano, e a maquinaria foi sendo cada vez mais usada até se chegar à automação. A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço por meio dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas.

Digitalizado com CamScanner

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem; já, grosseiramente, podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente já não existe. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele é, todavia, objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções, e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial.

Se levarmos em conta a sucessão histórica dos modos de produção, nela reconheceremos as diversas gradações do artifício, com o império do cultural se tornando cada vez mais marcante e significativo. Esse parece ser o caminho da evolução. Hoje, por isso, diante de uma grande cidade como São Paulo, Nova York, Paris, Londres, Buenos Aires, torna-se difícil distinguir o que é natural do que é artificial. A percepção da diferença é cada vez mais árdua e temerária. Sabemos, todavia, que a marcha do mais natural ao mais artificial leva a que tenhamos mais e mais instrumentos de trabalho fixos e cada vez o domínio das técnicas se impõe. Há uma relação entre os instrumentos de trabalho (objetos dos mais diversos tamanhos,

Digitalizado com CamScanner

que o homem cria para poder produzir) e a paisagem. Há uma grande quantidade desses instrumentos que não são materiais, mas que se elaboram como elementos necessários à produção. Em eras bastante remotas, os instrumentos de trabalho eram um prolongamento do homem, mas, à medida que o tempo passa, vão-se transformando em prolongamentos da terra, próteses ou acréscimos à própria natureza, duráveis ou não. Os instrumentos de trabalho imóveis tendem a predominar sobre os móveis e a ser a condição de uso destes. Estradas, edifícios, pontes, portos, depósitos etc. são acréscimos à natureza, sem os quais a produção é impossível. A cidade é o melhor exemplo dessas adições ao natural.

Paisagem e Produção: Os Instrumentos de Trabalho

A relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, à distribuição e ao consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e em nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. Por essa razão a paisagem urbana é mais heterogênea, já que a cidade abarca diversos tipos e níveis de produção. Cada instrumento de trabalho tem uma localização específica, que obedece à lógica da produção nos quatro momentos acima mencionados, e é por isso que o espaço é usado de forma desordenada.

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era

Digitalizado com CamScanner

a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Daí vem a anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais. A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado. Somente uma parte dos objetos geográficos já não atende aos fins de quando foi construída. Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos, já passados, o que levou Lenin a dizer que a grande cidade é uma herança do capitalismo e veio para ficar, devendo os planejadores do futuro levar em conta essa realidade.

No começo da história do homem, seus instrumentos de trabalho eram separados; hoje estão cada vez mais indivisíveis, como uma estrada de ferro, uma autopista etc. O caminho histórico dos instrumentos de trabalho vai, cada vez mais, da divisibilidade à indivisibilidade, e do dado isolado ao sistema. É o que ocorre com a energia elétrica, a água, o telefone etc. Outra tendência atual dos instrumentos de trabalho é ir do diminuto ao imenso – por exemplo, os circuitos integrados e os hipermercados. Cada um desses instrumentos é um sistema em si mesmo, que se relaciona com um sistema global. Dessa forma, um *shopping center* tem seu próprio sistema de crédito, seus estacionamentos, sua lógica organizacional, seu sistema funcional. Há uma sistematicidade do objeto moderno que se relaciona com um sistema maior. Passamos dos objetos, geográfica e funcionalmente isolados, para os objetos, agrupados sistematicamente e também sistêmicos. As cidades mais antigas adaptam-se, transformam-se mais ou menos lentamente; as novas já nascem assim.

Digitalizado com CamScanner

Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai se tornando cada vez mais complexo, exigindo mudanças correspondentes às inovações. Por meio das novas técnicas, vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra. Por isso o entendimento do fato geográfico depende tanto do conhecimento dos sistemas técnicos.

O homem vai construindo novas maneiras de fazer coisas, novos modos de produção que reúnem sistemas de objetos e sistemas sociais. Cada período se caracteriza por um dado conjunto de técnicas. Em cada período histórico, temos um conjunto próprio de técnicas e de objetos correspondentes. Num momento B, muitos elementos do momento A permanecem; e surgem novos. É a inovação triunfante que permite sair de um período e entrar em outro. A inovação traz a modificação da paisagem, que passa a ter objetos dos momentos A e B.

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, porque formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto. Quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho. É o caso das cidades, sobretudo as grandes. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô etc. são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais. Não faz mal repetir: suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um

Digitalizado com CamScanner

conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço.

Datação e Movimento da Paisagem

Os objetos são passíveis, pois, de uma datação, têm idades. Pela datação dos objetos de uma paisagem, deveríamos poder reconhecer a sua idade (ou as suas idades). Mas isso nem sempre é possível, já que muitas vezes os objetos antigos são suprimidos da paisagem. Quem desembarca em São Paulo reconhece a história dos objetos presentes, mas não a história da cidade. Na velha Europa, os traços do passado são mais visíveis; é toda uma diferença de ritmos. Mas em todos os casos não há paisagem indiferenciada de um ponto de vista histórico, exceto a de uma cidade porventura inaugurada ontem.

A paisagem tem, pois, um movimento que pode ser mais ou menos rápido. As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época; dependem também das condições econômicas, políticas, culturais etc. A técnica tem um papel importante, mas não tem existência histórica fora das relações sociais. A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental: as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revelam; mas elas não mostram todos os dados, que nem sempre são visíveis.

Digitalizado com CamScanner

As Mutações da Paisagem: O Estrutural e o Funcional

As mutações da paisagem podem ser estruturais ou funcionais. Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano. Dentro da cidade, e em razão da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. A sociedade urbana é una, mas se dá segundo formas-lugares diferentes. É o princípio da diferenciação funcional dos subespaços. A sociedade não mudou, permaneceu a mesma, mas se dá de acordo com ritmos distintos, segundo os lugares, cada ritmo correspondendo a uma aparência, uma forma de parecer. É o princípio da variação funcional do mesmo subespaço.

Já uma mudança estrutural se dá também pela mudança das formas. Quando se constroem prédios de quarenta, em lugar de vinte ou trinta e dois andares, é, via de regra, sinal de que outros também poderão ser construídos, de que temos atividades e gente para enchê-los e justificar a sua construção. Há uma relação entre a estrutura socioeconômica e a estrutura socioeconômica e política. Alterações de velhas formas para adequação às novas funções são também uma mudança estrutural.

É nesse quadro que se analisa o envelhecimento das formas, tanto físico como social. As formas envelhecem por inadequação física, quando, por exemplo, ocorre desgaste dos materiais. Já o envelhecimento social corresponde ao desuso ou desvalorização, pela preferência social por outras formas. Às vezes o movimento corresponde a uma moda, como a construção de suítes nas habitações; aqui há um envelhecimento moral. Às vezes o envelheci-

Digitalizado com CamScanner

mento das formas permite que haja uma mudança brutal de seu uso – grandes casas viram cortiços, mudam de moradias ricas para pobres. O envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais; o envelhecimento moral não é tão previsível, muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural.

A paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e formas virgens. As primeiras estão à espera de uma reutilização, que pode até acontecer; as segundas são adrede criadas para novas funções, para receber inovações. As funções que são mais suscetíveis de criar novas formas são: bancos, hipermercados, o Estado, *shopping centers* etc., além de certas funções públicas. Fora estas, são poucas as funções capazes de criar novas formas, e é, por isso, mais comum o uso das preexistentes por meio de uma readaptação. É o caso de casas de saúde, escolas, serviços diversos, fábricas menores etc., que se instalam em antigos casarões ou prédios deixados por outras atividades, com readaptação de formas velhas para novas funções.

Espaço, o Que é

Segundo A. C. da Silva (1986, pp. 28-29), "as categorias fundamentais do conhecimento geográfico são, entre outras, espaço, lugar, área, região, território, *habitat*, paisagem e população, que definem o objeto da geografia em seu relacionamento. [...] De todas, a mais geral – e que inclui as outras – é o espaço".

Mas paisagem e espaço são coisas diferentes. Como o vocábulo paisagem, a palavra espaço também é utilizada em dezenas de acepções. Fala-se em espaço da sala, do verde, de um país,

Digitalizado com CamScanner

de um refrigerador, espaço ocupado pelo corpo etc. É um dos termos que mais possui verbetes nos dicionários e enciclopédias; e em alguns comparecem com centenas de sentidos diversos.

Palavras como vermelho, duro, sólido não têm seus significados colocados em dúvida, estão associados a experiências elementares. O que não acontece com a palavra espaço, frequentemente substituída por lugar, território etc. A palavra é mesmo muito utilizada como substantivo; assim, espaço do homem, do migrante, do sedentário etc. A própria palavra paisagem é comumente utilizada para designar o espaço.

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre eles especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

A Paisagem não é o Espaço

Não há, na verdade, paisagem parada, inerte, e, se usamos esse conceito, é apenas como recurso analítico. A paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não materiais. A vida é sinônimo de relações sociais, e estas não são possíveis sem a materialidade, que fixa relações sociais do passado. Logo, a materialidade construída vai ser fonte de relações sociais, que também se dão por intermédio dos objetos. Estes podem ser sujeitos de diferentes relações sociais – uma mesma rua pode servir a funções diferentes em distintos momentos.

A sociedade existe com objetos, é com estes que se torna concreta. Por exemplo, São Paulo tem dezesseis milhões de ha-

Digitalizado com CamScanner

bitantes, mas, se não explicamos como estes se movem – para o lazer, para o trabalho, para as compras –, como eles habitam, como participam na reprodução social etc., não estou me referindo a São Paulo, mas apenas a dezesseis milhões de pessoas...

A paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Complementam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que os separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da sociedade.

Imaginemos a cidade de Salvador no dia primeiro de junho de 1987, às quinze horas. Teríamos uma determinada distribuição das pessoas, da produção sobre o território. Três horas mais tarde, essa distribuição seria outra. O conjunto de trabalhos e atividades muda, assim como a visão do conjunto. O movimento das pessoas corresponde à etapa da produção que está se dando naquele momento. Todos são produtores – o operário, o artista de teatro, o vendedor de supermercado, o intelectual, o motorista de táxi etc. –, mesmo quem não está diretamente no processo de produção, já que também consome. É a maneira com que se dá a produção, e o intercâmbio entre os homens, que dá um aspecto à paisagem. O trabalho morto (acumulado) e a vida se dão juntos, mas de maneiras diferentes. O trabalho morto seria a paisagem. O espaço seria o conjunto do trabalho morto (formas geográficas) e do trabalho vivo (o contexto social).

Há uma adequação da sociedade – sempre em movimento – à paisagem. A sociedade se encaixa na paisagem, supõe lugares

Digitalizado com CamScanner

onde se instalam, em cada momento, suas diferentes frações. Há, dessa maneira, uma relação entre sociedade e um conjunto de formas – materiais e culturais. Quando há uma mudança social, há também mudança dos lugares – por exemplo, a invasão de São Paulo pelos pobres, há cerca de 25 anos. Diríamos, com Edward Soja (1983), que a sociedade está sempre se espacializando. Mas a espacialização não é o espaço. A espacialização é um momento da inserção territorial dos processos sociais. O espaço é mais do que isso, pois funciona como um dado do próprio processo social.

A Espacialização não é o Espaço

O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade por meio da espacialidade. A paisagem tem permanência, e a espacialidade é um momento. A paisagem é coisa, a espacialização é funcional, e o espaço é estrutural. A paisagem é relativamente permanente, enquanto a espacialização é mutável, circunstancial, produto de uma mudança estrutural ou funcional. A paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou modifica-se para acolher uma nova atualidade, uma inovação. A espacialização é sempre o presente, um presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que recente.

O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial. A espacialização não é o resultado do movimento apenas da sociedade, porque depende do espaço para se realizar. No seu movimento perma-

Digitalizado com CamScanner

nente, em sua busca incessante de geografização, a sociedade está subordinada à lei do espaço preexistente. Sua subordinação não é à paisagem, que, tomada isoladamente, é um vetor passivo. É o valor atribuído a cada fração da paisagem pela vida – que metamorfoseia a paisagem em espaço – que permite a seletividade da espacialização. Esta não é um processo autônomo, porque, na origem, depende das relações sociais e, na chegada, não é independente do espaço; nem o seu conceito substitui o conceito de espaço. A espacialização também não é apenas o resultado do movimento da sociedade, porque depende do espaço.

Digitalizado com CamScanner

6

Configuração Territorial e Espaço

São diferentes os conceitos de paisagem, de configuração territorial e de espaço. A paisagem não é a configuração territorial, embora seja uma parte dela. A configuração espacial não é o espaço, embora dele também participe. A configuração territorial é o território mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; objetos naturais ou objetos artificiais que a definem. Muitas vezes o que imaginamos natural não o é, enquanto o artificial se torna "natural" quando se incorpora à natureza. Nesta, as coisas criadas diante dos nossos olhos – e que para cada um de nós são o novo – já aparecem para as novas gerações como um fato banal. O que vimos ser construído é, para as gerações seguintes, o que existe diante deles como natureza. Descobrir se um objeto é natural ou artificial exige a compreensão de sua gênese, isto é, de sua história.

Digitalizado com CamScanner

Seja qual for o país e o estágio do seu desenvolvimento, há sempre nele uma configuração territorial formada pela constelação de recursos naturais, lagos, rios, planícies, montanhas e florestas e também de recursos criados: estradas de ferro e de rodagem, condutos de toda ordem, barragens, açudes, cidades, o que for. É esse conjunto de todas as coisas, arranjadas em sistema, que forma a configuração territorial cuja realidade e extensão se confundem com o próprio território de um país. Tipos de floresta, de solo, de clima, de escoamento são interdependentes, como também o são as coisas que o homem superpõe à natureza. Aliás, a interdependência se complica e completa-se justamente porque ela se dá entre as coisas que chamamos de naturais e as que chamamos de artificiais.

A paisagem é o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica. O jardim, a rua, o conjunto de casas que temos à nossa frente, como simples pedestres. Uma fração mais extensa de espaço, que a nossa vista alcança do alto de um edifício. O que vemos de um avião que voa a mil metros de altura é uma paisagem, como a que apreendemos numa extensão ainda mais vasta, quando de uma altura maior. A paisagem é o nosso horizonte, estejamos onde estivermos.

Ela é, também, o contato de nosso corpo com o corpo orgânico que é a natureza. Por meio da paisagem, a configuração territorial se dá apenas parcialmente, miniaturizada pelas fotografias ou mapas e cartas, na medida em que tenhamos o domínio das informações. Mas a configuração territorial é sempre um sistema, ou, melhor, uma totalidade, ainda que inerte. A natureza é uma totalidade e um sistema na medida em que

Digitalizado com CamScanner

não há independência entre as partes, nem na natureza chamada natural, nem na natureza transformada. A paisagem, porém, não é total, mas parcial. Ela é sempre setorial, um fragmento, e por isso mesmo sua percepção nos engana e não pode, diretamente, conduzir-nos à compreensão do real, porque nunca se dá como um todo.

A configuração territorial, todavia, é um todo. Ao mais rico e afoito dos mercadores, de nada valerá comprar um trecho de estrada de rodagem. Que poderá fazer com essa prenda? De que serve adquirir um pedaço de rua? Que se pode fazer com esse fragmento, senão utilizá-lo dentro e em função da totalidade das coisas que formam a configuração territorial?

A paisagem é o conjunto das coisas que se dão diretamente aos nossos sentidos; a configuração territorial é o conjunto total, integral, de todas as coisas que formam a natureza em seu aspecto superficial e visível; e o espaço é o resultado de um matrimônio ou um encontro, sagrado enquanto dura, entre a configuração territorial, a paisagem e a sociedade. O espaço é a totalidade verdadeira, porque dinâmica, resultado da geografização da sociedade sobre a configuração territorial. Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas, como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial oferecem-nos, no transcurso histórico, espaços diferentes.

O Espaço: Fixos e Fluxos

O espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço.

Digitalizado com CamScanner

Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. Não é por outra razão que os diversos lugares, criados para exercitar o trabalho, não são idênticos e o rendimento por eles obtido está em relação com a adequação dos objetos ao processo imediato de trabalho. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão também a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas – isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo – podem ser estudadas por meio desses dois elementos: fixos e fluxos.

A análise dos fluxos é às vezes difícil, pela ausência de dados. Mas o estudo dos fixos permite uma abordagem mais cômoda, por meio dos objetos localizados: agências de correio, sucursais bancárias, escolas, hospitais, fábricas... Cada tipo de fixo surge com suas características, que são técnicas e organizacionais. E, desse modo, a cada tipo de fixo corresponde uma tipologia de fluxos. Um objeto geográfico, um fixo, é um objeto técnico, mas também um objeto social, graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e alteram-se mutuamente.

Os Fixos

A partir desse dado talvez possamos abordar de outra forma aquela antiga discussão, opondo o que se costuma chamar de espaço econômico ao que se considera como espaço geográfico. O espaço econômico é um conjunto de pontos e de fluxos entre eles, enquanto o espaço geográfico é o espaço banal. Mas ambos são indistinguíveis, pois os fixos provocam fluxos em função de seus dados técnicos, que são geralmente locacionais, mas também

Digitalizado com CamScanner

em função dos dados políticos. Os fixos, como instrumentos de trabalho, criam massas. Mas não basta criar massas, impõe-se fazer com que se movam. E a capacidade de mobilizar uma massa no espaço é dada exatamente pelo poder econômico, político ou social – poder que, por isso, é maior ou menor segundo as firmas, as instituições e os homens em ação.

Através da história vemos uma mudança de importância relativa de cada uma dessas instâncias na realidade e na interpretação espacial. Nos dias de hoje, como certamente jamais antes, quando os fixos têm importância muito grande, a circulação passa também a ter importância fundamental, entre outras razões pelo fato de que o produto se internacionalizou e, por conseguinte, tem de ser distribuído através de todo o mundo, sem respeito às fronteiras nem às distâncias. Por outro lado, a necessidade de acumulação agravou-se e, por conseguinte, a circulação ganhou um ritmo frenético. Quem menos tem poder de movimento mais depressa vê desvalorizar-se seu produto e seu meio de trabalho.

Sistemas de Engenharia

O conjunto de fixos, naturais e sociais, forma sistemas de engenharia, seja qual for o tipo de sociedade. Mesmo as chamadas civilizações primitivas dispunham de sistemas de engenharia e, às vezes, até mais bem elaborados que os atuais, porque demandavam engenho e arte, e empreendiam com poucos meios. O domínio, por exemplo, das águas salgadas num país como Guiné-Bissau, que é ainda pobre e economicamente atrasado, é algo extremamente ilustrativo dessa capacidade de afeiçoar a natureza com a construção de diques para dessalgar a terra

Digitalizado com CamScanner

e plantar arroz. Trata-se de um caso-limite de elaboração de um sistema de engenharia. Este se define como um conjunto de instrumentos de trabalho agregados à natureza e de outros instrumentos de trabalho que se localizam sobre estes, uma ordem criada para trabalho e por ele. A natureza, aliás, é toda ordem, embora se nos ofereça segundo diferentes níveis de organização, tanto na natureza natural como na artificial. Por exemplo, o nível de organização de um cristal isolado nada tem que ver em dimensão e escala com o nível de organização de um maciço como a chapada Diamantina. Nem as bolanhas guineanas são, desse ponto de vista, comparáveis às grandes máquinas urbanas que as metrópoles modernas constituem.

Dentro da natureza modificada pelo homem, os níveis de organização são tão diversos quanto o são os níveis de humanização da natureza. Os sistemas de engenharia evoluem com a história. De modo geral, podemos dizer que passamos primeiro de um uso maior do trabalho a um uso maior do capital, sempre. Por exemplo, no caso do arroz plantado em bolanhas, na Guiné, é por meio do trabalho que são feitos os diques, os canais de irrigação ou de drenagem, enquanto nos países mais ricos os sistemas modernos de irrigação e de drenagem, que são mais capital, por isso mesmo espancam trabalho. É por isso que a palavra e o ato da irrigação têm, através do tempo, significados diferentes de um ponto de vista não apenas técnico mas econômico, social, político e cultural; e, paralelamente, a evolução dos sistemas de engenharia transcende a natureza, que se vai tornando mais e mais artificial. Essa conquista não é homogênea, certas áreas sendo mais carregadas dessas verdadeiras próteses do que outras. Os sistemas de engenharia passam de um isolamento a uma interdependência, uma interdependência crescente. Vejamos,

Digitalizado com CamScanner

por exemplo, o caso das usinas geradoras de eletricidade. De um número enorme de empresas – quase tão numerosas quanto o número de localidades servidas –, chegamos hoje a uma tendência à unificação, não apenas técnica como organizacional. O mesmo se dá com o telefone, as estradas de ferro, as estradas de rodagem. A tendência a uma interdependência maior é acompanhada de maior diversificação e expansão dos objetos técnicos no espaço. Ao mesmo tempo em que as atividades capitalistas vão aumentando a sua presença no território, o oposto se dá com os espaços indiferenciados.

Na sua evolução os sistemas de engenharia levam também de uma divisão de trabalho local simples a uma cooperação geograficamente estendida e complexa, de poucas a muitas intermediações, com o uso de técnicas cada vez mais estranhas ao grupo. Por exemplo, a irrigação criada no século passado na região de Brumado, na Bahia, fazia-se (e se faz ainda hoje) com técnicas que eram, em realidade, o resultado de uma interação direta, quase sem mediação, entre o grupo e o seu pedaço de natureza. Enquanto isso, as novas formas de irrigação são o resultado de técnicas estranhas ao grupo. Paralelamente, cada vez que o sistema de engenharia se desenvolve, o comando de sua utilização se torna mais unificado. Há uma unificação do comando desses sistemas tanto do ponto de vista da economia como do ponto de vista institucional. Passamos também de fluxos que são curtos no espaço, e que se exercem em áreas limitadas, a fluxos que abrangem frações do território cada vez maiores. Hoje, aliás, o mundo todo é o campo de ação dos fluxos que se expandem com o suporte dos novos sistemas de engenharia. O interesse das grandes nações pela criação de grandes complexos hidráulicos, nos países pobres naturalmente financiados pelo Banco Mundial

Digitalizado com CamScanner

(que é o gestor do sistema em escala internacional), justifica-se na medida em que os sistemas de engenharia têm tendência a se universalizar, pelo menos quanto a seu uso.

Divisão do Trabalho e Escala

Mas sobretudo o que é importante é que, com a evolução dos sistemas de engenharia, a própria noção de tempo muda: o tempo da produção, o tempo de circulação, o do consumo e da realização da mais-valia. Quanto mais evoluem os sistemas de engenharia, mais coisas se produzem em menos tempo. Também se transportam mais objetos em menos tempo, o consumo se faz mais imediatamente, tornando tudo isso mais e mais fácil, graças aos equipamentos criados pelo Estado para facilitar a circulação. Altera-se a relação capital-trabalho, isto é, a equação dos empregos, e muda a estrutura profissional, levando ao aumento de número dos técnicos, administradores e outros trabalhadores terciários.

Pela forma como o capital fixo novo é distribuído no espaço, é possível discernir as articulações que se criam ou podem criar-se, neste ou naquele momento; tanto a articulação interna a cada subespaço como também aquelas entre subespaços. São ambas essas articulações que vão explicar-nos o movimento da urbanização e sua repartição no território. Ora, parece-nos que é possível fazer tudo isso não eliminando a possibilidade de um debate puramente conceitual ou de uma guerra de livros, mas partindo da realidade e a ela voltando, pela construção de um corpo de conceitos. Nessa construção intelectual, um dado fundamental é a noção de escala, não propriamente como um dado espacial, mas sobretudo como um dado temporal, pelo fato de

Digitalizado com CamScanner

que a divisão territorial do trabalho é, claramente, função do tempo histórico. É assim que podemos trabalhar o casamento indissolúvel entre as noções de tempo e de espaço, que existe no real. Sem dúvida, existe dentro de um território uma oposição entre escalas. Cada escala corresponde a um nível de intencionalidade. O do governo federal não é, obrigatoriamente, o mesmo nível de intencionalidade de um governo de Estado, ou de município, ou de uma agência regional. O nível de intencionalidade da firma que usa o espaço nacional como um todo não é o mesmo, nem tem a mesma qualidade ou direção que o de uma firma que apenas pode utilizar-se de uma fração do espaço, ou que tenha seu raio de ação limitado a apenas alguns bairros dentro de uma cidade. A noção de escala é, então, essencial para se compreender a diversidade e o choque entre intencionalidades em diversos níveis, as quais se revelam por meio de decisões e têm repercussão na ordem econômica, cultural, política e moral, assim como na ordem territorial.

Periodizações

Uma outra noção indispensável é, por conseguinte, a de periodização, que nos leva a duas outras: a noção de regime e a noção de ruptura. O regime é dado pelo conjunto de variáveis funcionando harmonicamente, ao longo de um pedaço considerável de tempo, mas cuja evolução não é homogênea. Há, sempre, desníveis entre as diversas variáveis. O que lhes permite trabalhar, isto é, funcionar em conjunto, é a existência de uma organização, encarregada de impor regras de ação. É a organização que mantém as coisas durante um certo período de tempo, funcionando de uma dada maneira, apesar do movimento real da

Digitalizado com CamScanner

sociedade. Isto se mantém até o momento em que a organização deixa de ser eficaz. É aí que se dá uma ruptura, sinal de crise e de passagem a um outro período.

Essa noção de periodização é fundamental, porque nos permite definir e redefinir os conceitos e, ao mesmo tempo, autoriza a empiricização do tempo e do espaço, em conjunto. Na verdade, o nosso grande problema não é o de empiricizar o espaço, que também é formado de coisas materiais e tangíveis; mas o de empiricizar o tempo e o espaço ao mesmo tempo. Fazer isso equivale a utilizar, no domínio da análise espacial, o extraordinário aporte epistemológico de Einstein, para quem o espaço e o tempo se equivalem, não sendo apenas simultâneos. Tempo é espaço, e espaço é tempo. Para serem trabalhados em conjunto e de forma concreta, têm que ser empiricizados, e tal empiricização é impossível sem a periodização. É pelo significado particular, específico, de cada segmento do tempo que apreendemos o valor de cada coisa num dado momento. O que vale hoje uma rede de irrigação construída no século passado, ou que significa uma estrada vicinal? Ambas podem ter a mesma realidade aparente, ontem e hoje, mas não a mesma significação, que mudou, pelo fato de que têm outro papel na economia e na sociedade. Isso, aliás, é válido para qualquer que seja o objeto de que estejamos tratando.

Uma empiricização efetiva, útil, eficaz só se pode, aliás, fazer à medida que uma periodização é alcançada. É esta que permite definir, ou, melhor, redefinir as coisas. Estas se nos dão como se fossem as mesmas – pela sua forma, pela realidade de sua existência, pelo seu corpo. Por isso mesmo abrem-nos a possibilidade de incorrer em falsidade, porque, através do percurso da história, uma mesma coisa deixa de ser o que antes ela era,

Digitalizado com CamScanner

à medida que muda o seu conteúdo histórico. É assim que nos é dado, a um só tempo, refazer a história, à medida que somos levados a olhar para o passado, segundo um critério coerente, mas sobretudo também nos permite descobrir a tendência, isto é, volver-nos para o futuro e tentar imaginar o que vai se passar. Em dadas condições sociopolíticas, por exemplo, um certo tipo de atividade produtiva cria uma certa equação do emprego se realizada sobre determinado sistema de engenharia. Sabemos, porém, que, se muda o sistema de engenharia neste ou naquele aspecto, a tendência é a de que essa equação do emprego também mude.

Conhecendo o valor de cada variável, ficamos mais perto de saber que intervenção é necessária para obter tal ou qual resultado. É verdade, também, que há os imponderáveis sobretudo porque, como vimos, existem diferenças de escala e de intencionalidade entre escalas.

Por uma Visão Prospectiva

Uma visão prospectiva, que permita entrever o futuro de forma objetiva, deve, então, levar em conta diversos dados, pondo-os num mesmo nexo: fixos e fluxos; sistemas de engenharia, paisagens, configurações territoriais e espaço; vida urbana e mundo agrícola, formas antigas e novos processos; regimes e rupturas; processos econômicos, políticos e culturais etc. As tendências que permitem entrever são, entre outras: a nova equação do emprego, a nova estrutura demográfica, a nova estrutura fundiária, a participação na economia do capital fixo, do capital circulante e do capital constante e variável. Também, por esse método, poderão ser entrevistos, para cada fração de espaço, as

Digitalizado com CamScanner

necessidades de avanço de capital inerentes a cada produção, e mesmo os novos arranjos locais de classe.

Por meio de um estudo desse tipo, também as migrações podem ser entrevistas como um resultado da adição de mais capital a um espaço. É assim que se criam, aliás, correntes migratórias nos dois sentidos: levando à expulsão dos que não se adaptam aos níveis técnicos e de capital, que se instalam e trazendo para a área aqueles dotados das novas capacidades exigidas para movimentar o novo instrumental científico e técnico. Um método assim elaborado e sistematicamente aplicado nos permitirá entrever igualmente as novas tendências do uso do território – incluindo as da urbanização –, o papel renovado e os novos conflitos entre as diversas instâncias administrativas, enfim as diversas facetas de um movimento social que é integrado sem deixar de ser contraditório.

É assim que nos daremos conta, no mesmo movimento, das possibilidades já realizadas no real e das que se mantêm em reserva. Devemos, então, lembrar-nos de que se o real é o verdadeiro, o possível é sempre maior que o real, e o futuro, mais amplo do que o existente.

O presente é o real, o atual que se esvai; e sobre ele, como sobre o passado, não temos qualquer força. O futuro é que constitui o domínio da vontade e é sobre ele que devemos centrar o nosso esforço, de modo a tornar possível e eficaz a nossa ação.

Digitalizado com CamScanner

7

Do Físico ao Humano. Do Natural ao Artificial. Geografia Física, Geografia Humana

O homem constitui, dentro da natureza, uma forma de vida. O que o distingue das outras formas de existência? Numerosas respostas podem ser dadas, tais como: o homem se distingue das outras formas de existência porque tem a possibilidade da fala, ou porque é o único animal que se põe de pé, ou ainda porque é o único capaz de pensar, de refletir...

Todas estas respostas, muito embora verdadeiras, são insuficientes para caracterizar a grande distinção entre o homem e as outras formas de vida, dentro da natureza. O fator distintivo determinante é o trabalho; o que torna o homem uma forma de vida *sui generis* é a capacidade de produzir.

O Homem e a Produção

O trabalho é a aplicação, sobre a natureza, da energia do homem, diretamente ou como prolongamento do seu corpo,

Digitalizado com CamScanner

mediante dispositivos mecânicos, no propósito de reproduzir a sua vida e a do grupo.

Alguns afirmariam que outros animais também realizam trabalho, quando, de alguma forma, utilizam e modificam a natureza; mas o homem é o único que reflete sobre a realização de seu trabalho. Antes de se lançar ao processo produtivo, ele pensa, raciocina e, de alguma maneira, prevê o resultado que o seu esforço terá.

Na sua relação com a natureza, o homem não tem uma atitude de repetição, mas, sim, de invenção. Já os outros animais se limitam à simples repetição, no decorrer dos séculos. Ao repetir o gesto inicial, ele difere e aumenta o número de gestos, aprimora-se. O trabalho do homem aumenta sua inteligência. E o trabalho é um processo de troca recíproca e permanente entre o Homem e a Natureza.

O processo de trabalho exige um aprendizado prévio, o homem necessita aprender a natureza a fim de poder apreendê-la. Quando aprende, apreende; quando apreende, aprende. A riqueza do ensinamento da natureza é proporcional à ação do homem sobre ela; quanto maior a troca com a natureza, tanto maior o processo de intercâmbio entre os homens. A relação entre o homem e o seu entorno é um processo sempre renovado, que modifica tanto o homem como a natureza.

Ação Humana e Geografização

O homem é ativo. A ação que realiza sobre o meio que o rodeia, para suprir as condições necessárias à manutenção da espécie, chama-se ação humana. Toda ação humana é trabalho, e todo trabalho é trabalho geográfico.

Não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o

Digitalizado com CamScanner

homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço. Por isso a geografia estuda a ação do homem.

No decorrer de sua história, o homem não apenas acumula experiência como também inova, já o vimos. A inovação pode ser lenta ou rápida, pode dar-se numa parte ou no espaço total, mas sempre há transformação. A relação do homem com a natureza é progressiva, dinâmica; podemos dizer que é reciprocamente progressiva A natureza vai registrando, incorporando a ação do homem, dele adquirindo diferentes feições, que correspondem às feições do respectivo momento histórico.

A Natureza e Suas Próteses

O homem também vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar formas ou objetos culturais, artificiais, históricos. Essas formas históricas não são as mesmas através dos tempos; aqueles acréscimos dos tempos primitivos são diferentes dos atuais. Hoje, as formas impostas à natureza são muito mais complexas, resultado também de uma série de heranças.

A natureza conhece um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada.

O processo de culturalização da natureza torna-se, cada vez mais, o processo de sua tecnificação. As técnicas, mais e mais, vão se incorporando à natureza, e esta fica cada vez mais socializada, pois é cada dia mais o resultado do trabalho de um maior número de pessoas. Partindo de trabalhos individualizados

Digitalizado com CamScanner

de grupos, hoje todos os indivíduos trabalham conjuntamente, ainda que disso não se apercebam. No processo de desenvolvimento humano, não há uma separação do homem e da natureza. A natureza socializa-se e o homem se naturaliza.

Cabe portanto, a esta altura, levantar uma questão: como nos situarmos diante da divisão clássica entre geografia humana e geografia física? Até onde vai a geografia física e onde começa a geografia humana, ou vice-versa? Como devemos tratar esses dois temas?

Geografia Física, Geografia Humana

Antes da presença do homem sobre o planeta, o que havia era só a natureza. Àquela época, haveria uma geografia física ou apenas uma física? A geografia física não podia existir antes do homem. Não há geografia física que não seja uma parte da geografia humana. O que há, na verdade, é uma geografia do homem, que podemos subdividir em geografia física e humana.

A presença do homem na face da Terra muda o sistema do mundo. Torna-se, o homem, centro da Terra, do Universo, imprimindo-lhe uma nova realidade com sua simples presença. O homem é um dado da valorização dos elementos naturais, físicos, porque é capaz de ação. Usa suas forças intelectuais e físicas contra um conjunto de objetos naturais que seleciona como indispensável para se manter como grupo. Assim, o homem é sujeito, enquanto a terra é objeto. É em torno do homem que o sistema da natureza conhece uma nova valorização e, por conseguinte, um novo significado.

Para o homem, isto é, para o grupo social que a defronta, a natureza deixa de ser algo que funciona apenas segundo leis

Digitalizado com CamScanner

naturais e passa a ser um grande conjunto de objetos, dos quais o homem escolhe alguns que aprende a utilizar. Esses objetos são, para o grupo, a natureza útil, um subsistema do sistema natural total, o seu subsistema eficaz. Esse subsistema é ainda a natureza, mas já é igualmente social, porque deliberadamente escolhido pelo homem.

Se o homem é um sujeito e a terra um objeto, não seria a geografia física um conjunto de objetos naturais que permitiriam a ação do homem? Haverá ainda lugar para falarmos em geografia física, depois que a humanidade transformou em ecúmeno toda a superfície da terra, seja pelo seu uso produtivo ou apenas pela posse de seu conhecimento? Nada há mais, hoje, que escape à presença do homem ou, em todo o caso, ao seu olhar multiplicado, visão alargada e aprofundada por instrumentos de observação, cuja acuidade vem crescendo a galope no curso deste século. Haverá uma geografia física no momento em que todos os objetos naturais já são trabalhados ou são suscetíveis de trabalho?

Hoje, a sociedade humana tem como seu domínio a Terra; o planeta, todo ele, é o *habitat* da sociedade humana. Na realidade, *habitat* e ecúmeno são, agora, sinônimos, cobrindo igualmente toda a superfície da Terra, pois o planeta e a comunidade humana se confundem num todo único. A presença do homem é um fato em toda a face da Terra, e a ocupação que não se materializa é, todavia, politicamente existente.

O Novo Sistema da Natureza

Hoje, porém, o fato é que, se os grupos humanos têm o poder de modificar a ação das forças naturais, a natureza ainda obriga esses grupos a adaptações ou impõe resultados diversos a

Digitalizado com CamScanner

ações semelhantes. O progresso técnico não elimina a ação da natureza. A ação humana se verifica segundo diversos modelos:

- Quando o homem tem força para modificar os aspectos do quadro natural, fazendo deste uma segunda natureza mais adaptada aos seus fins.
- Quando o homem, prevendo as mudanças conjunturais do quadro natural, prepara-se, seja para tirar partido dessa mudança, seja para reduzir os seus efeitos nefastos ou puramente negativos. Por exemplo, os efeitos de uma geada sobre uma plantação hoje não são os mesmos, não têm os mesmos resultados que cinquenta anos atrás, quando as formas de proteção da atividade agrícola não eram conhecidas ou não eram possíveis.
- Quando, pelo conhecimento das possibilidades de oscilações das condições naturais – consideradas em relação com a atividade humana desenvolvida nesta ou naquela área –, o homem imagina, elabora, codifica, impõe um sistema regulador, mediante o qual os danos sociais ou individuais são coletivamente absorvidos. Por exemplo, quem paga ao produtor sua proteção contra as intempéries? Podemos chamar a isso natureza socializada? Há uma socialização da natureza quando a sociedade se torna responsável pela ação do grupo sobre a natureza, isto é, quando a sociedade é responsável pelo trabalho de todos.

Nem sempre pode haver controle ativo da natureza, mas apenas controle passivo – por exemplo, quando se escolhe melhor, cientificamente, a melhor estação do ano para plantar este ou aquele produto; ou quando se elaboram controles financeiros ou fiscais, tornando, por exemplo, o preço garantido, independente das condições climáticas. É como se a natureza aqui fosse esquivada, ludibriada na sua ação, não significando, porém, que ela deixe de existir ou de agir.

Digitalizado com CamScanner

Estamos, pois, diante de um novo sistema da natureza. Hoje, o homem não comanda as intempéries, mas tem conhecimento prévio de sua eclosão. Tem condições de prever os terremotos, as enchentes etc., e isso pode mudar as suas consequências. São, certamente, esses dados naturais "invencíveis" (ao menos até agora) que então incluiríamos no capítulo da geografia física? Restam ainda muitas outras coisas: as correntes fluviais e aéreas, os movimentos de oceanos e mares, a erosão e os escorregamentos de terrenos, a expansão e a retração das calotas glaciais, o ritmo das florestas, a biografia dos seres vivos etc.

A geografia física deveria, então, contentar-se com uma geomorfologia dinâmica, uma climatologia e uma biogeografia, nos seus numerosos e múltiplos intercursos? Ou deveríamos aprofundar-nos cada vez mais nos processos, buscando verticalmente mais e mais leis de causa e efeito, afunilando o objeto de nossa preocupação, para descobrir as primeiras e últimas verdades que estejam ao nosso alcance, mesmo que o interesse do homem já estivesse ausente?

Quem sabe nossa pesquisa, hoje, apenas abarque o domínio de interesse das sociedades humanas mais complexas ou sofisticadas; mas, e amanhã? Deve o cientista limitar seu escopo diante de uma história que ainda está por ser feita, mas que pode ser feita em um amanhã não distante?

Este é, sem dúvida, um dilema, assim como toda busca de definição de um objeto é dilemática. Assim como a história jamais se escreve na véspera, a nova história das relações do homem com a natureza não pode ser cabalmente prevista. Há, todavia, alguns nortes: devemos buscar o conhecimento dos sistemas, a geografia física buscando uma sistematização horizontal, já que a busca de relações verticais infinitas nos impossibilita o avanço. Há um

Digitalizado com CamScanner

domínio particular da geografia física, pois, apesar dos avanços da técnica, a história não é indiferente aos dados naturais. E a geografia regional faria ou não o casamento entre a geografia física e a humana, como durante algum tempo se pretendeu? R. Lobato Corrêa (1986) já respondeu a essa questão de maneira adequada, mostrando o interesse e os limites do método regional.

O que se poderia, também, sugerir é a óptica abrangente, a óptica da produção das coisas, ou, melhor, dos fenômenos tanto naturais como sociais. Isso levaria a uma outra forma de pensar o estudo regional, vendo a região como o lugar onde a ação se passa. É o espaço da ação, do impacto da ação; esta tanto é natural quanto humana, pode ter origem local ou distante, mas sempre resulta em um impacto sobre um pedaço do território. Esta ação se exerce sobre objetos naturais e criados. A verdade, porém, é que, com o avanço da técnica, os objetos criados substituem cada vez mais os objetos naturais, mas aparecem também como objetos naturais aos olhos das novas gerações. É a história de sua produção que distingue a natureza herdeira do natural e aquela que provém do artifício.

Digitalizado com CamScanner

8

O Espaço e o Movimento das Contradições

Teorizar sobre a ciência geográfica equivale a procurar caminhos para entendermos o fenômeno geográfico. Uma situação geográfica, ou seja, o que um lugar é, num determinado momento, sempre constitui o resultado de ações de diversos elementos, que se dão em diferentes níveis. Esses elementos são variáveis, pois mudam de significação através do tempo.

A história é sem fim, está sempre se refazendo. O que hoje aparece como resultado é também um processo; um resultado hoje é, também, um processo que amanhã vai tornar-se uma outra situação. O processo é o permanente devir. Somente se pudéssemos parar a história é que teríamos um estado, uma situação permanente.

Toda situação é, do ponto de vista estático, um resultado, e, do ponto de vista dinâmico, um processo. Numa situação em movimento, os atores não têm o mesmo ritmo, movem-se segun-

Digitalizado com CamScanner

do ritmos diversos. Portanto, se tomarmos apenas um momento, perderemos a noção do todo em movimento.

Os cortes no tempo nos dão situações em um determinado momento. Não captam o movimento, são apenas uma fotografia. Já o movimento é diacrônico, e sem isso não há história. Não haveria dialética se o movimento dos elementos se desse de maneira sincrônica.

Se tomamos uma situação *x*, ela é resultado de um jogo de contradições existentes em *x - 1*. Essa situação é o momento em que está ocorrendo uma nova contradição, que resultará em *x + 1*. Temos, então, uma situação *S (x)*, que tem como antecedente *S (x - 1)* e, como resultado, *S (x + 1)*. *x* seria o resultado de movimentos dialéticos que se processaram em *x - 1*, e um processo levando a *x + 1*. E assim sucessivamente, indefinidamente.

A uma situação se sucedem outras: a situação representa uma instabilidade. Por trás da fotografia de uma situação há o movimento. O processo é a própria história, o movimento, a luta entre contrários, contrários que se chocam e criam uma nova realidade.

Vamos aqui privilegiar apenas alguns elementos que participam desse processo dialético. O externo e o interno, o novo e o velho, o Estado e o mercado são três das grandes contradições de qualquer situação, são três pares dialéticos referentes ao fato geográfico. Esse assunto foi abordado em outro lugar (M. Santos, *Espaço e Método*). Vamos retomá-lo aqui sob um enfoque diferente.

O Externo e o Interno

O interno é tudo o que, num momento dado, está já presente num lugar determinado. No interno, as variáveis têm a mesma dimensão do lugar, as dimensões se superpõem delimi-

Digitalizado com CamScanner

tadas pelo lugar. O interno é aquilo que, num momento dado, aparece como local. A escala do lugar confunde-se com sua própria existência. Mas as variáveis que formam uma situação são frequentemente extralocais, portanto mais amplas que o lugar. A escala das variáveis é maior do que a escala do lugar (o país, o mundo). O externo é tudo isso cuja sede é fora do lugar e tem uma escala de ação maior do que o lugar, muito embora incida sobre ele.

Cada lugar tem, pois, variáveis internas e externas. A organização da vida em qualquer parte do território depende da imbricação desses fatores. As variáveis externas se internalizam, incorporando-se à escala local. Até o momento em que impactam sobre o lugar são externas, mas o processo de espacialização é, também, um processo de internalização.

A realidade do externo depende, todavia, do interno. Nenhuma variável externa se integra numa situação, se esta não tem internamente as condições para poder aceitá-la. A presença local de certas condições aparece, pois, como indispensável à internalização de fatos externos. Dessa forma, as variáveis externas, num momento dado, não podem inserir-se em todos os lugares. Por exemplo, para que os televisores se instalem num lugar determinado, é preciso que nele haja energia elétrica. Num exemplo grosseiro, se num determinado momento há a possibilidade do estabelecimento de dez mil variáveis externas num país ou numa região, só alguns lugares serão capazes de interiorizá-las.

A internalização do externo não se dá de forma arbitrária, mas em lugares específicos, onde podem combinar-se as variáveis internas com as externas. A combinação entre o externo e o interno depende de uma articulação entre essas diferentes variáveis, e daí cria-se um novo precipitado. Tudo o que existe

Digitalizado com CamScanner

num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define um lugar é, exatamente, uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que formam um contexto e atingem todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar.

A eficácia do mesmo fator externo varia segundo os lugares, os valores internos a estes. Os lugares se diferenciam pela maneira como os fatores internos resistem aos externos, determinando as modalidades do impacto sobre a organização preexistente. A partir desse choque, impõe-se uma nova combinação de variáveis, um outro arranjo, destinado a se manter em constante movimento.

O Novo e o Velho

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, pela aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural...

Tanto o novo como o velho são dados permanentes da história; acotovelam-se em todas as situações. Mas se os elementos de uma dada situação trabalham em conjunto, é o novo que aparece como dotado de maior eficácia.

O novo nem sempre é desejado pela estrutura hegemônica da sociedade. Para esta, há o novo que convém e o que não convém. O novo pode ser recusado se traz uma ruptura que pode retirar a hegemonia das mãos de quem a detém. Por exemplo, quando se descobriu o petróleo, os proprietários de carvão resistiram a

Digitalizado com CamScanner

ele. Desfazer-se de um aparato produtivo tornado envelhecido e inadequado significa, frequentemente, desfazer-se dos próprios patrões; e estes resistem.

O novo não chega em todos os lugares e, quando chega, não é no mesmo momento; por isso o novo nem sempre chega quando é absolutamente novo. Portanto, podemos datar a chegada das variáveis em relação ao momento em que começam a existir, o seu momento zero. No ano em que surge a primeira máquina a vapor, ela é o novo absoluto, este é o seu momento zero. A inovação é o novo absoluto; a partir daí se conta o novo ou o velho relativo. Estes indicam a distância entre o surgimento de uma variável e o ponto no tempo em que ela é implantada neste ou naquele lugar. Enquanto uma localidade está a quinze anos de uma determinada inovação, uma outra está a cinquenta anos. O país que implanta o telégrafo dez anos depois do ano zero estará dez anos atrás. O novo absoluto é sempre o da história das coisas tomadas em si. A combinação das coisas, que a geografia estuda, dá-se com defasagens.

A chegada do novo causa um choque. Quando uma variável se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelece outras. Todo o lugar muda. Por exemplo, quando se constrói um hotel com quatrocentos lugares, muda todo o lugar e não apenas o setor hoteleiro.

Cada situação é diferente da outra, como já dissemos. Nenhuma situação reproduz outra, mas é sempre composta de pares dialéticos. Só podemos compreender a situação através do movimento. E movimento é um outro nome para o tempo. As diversas variáveis têm múltiplas dimensões, apresentam as mais diversas vertentes. Uma mesma variável apresenta o novo e o velho, existe nela uma luta contínua entre esses dois agen-

Digitalizado com CamScanner

tes. Muitas vezes o novo expulsa logo o velho, às vezes este resiste por muito tempo. Essa resistência não depende só dessa variável velha, mas do conjunto das variáveis, da combinação e relação que existem entre elas. É essa relação contextual que vai estabelecer como se dará a luta entre o novo e o velho. Aliás, o novo não é obrigatoriamente o interno, nem obrigatoriamente o externo, nem todo o externo é o novo absoluto.

Qualquer que seja o lugar, as variáveis presentes não têm a mesma idade. Por exemplo, onde temos, hoje, as maiores inovações é nos Estados Unidos, no entanto o correio brasileiro é muito mais avançado do que o norte-americano, assim como as estradas de ferro japonesas também são muito mais modernas que as dos Estados Unidos...

O Estado e o Mercado

Aqui temos mais um par dialético, dos muitos que nos dão a configuração de um lugar. Ambos são mediadores entre o externo e o interno, entre o novo e o velho. Falamos do Estado e do mercado.

O mercado é um fator de controle, um dado de unificação, um conjunto de elementos capazes de estabelecer um dado equilíbrio (equilíbrio geral da economia). Age, aparentemente, sem violentar ninguém e passa de uma situação de equilíbrio para outra. Esse equilíbrio, que o mercado tem como função restaurar a todo instante, muda de significação com o tempo. O equilíbrio de hoje não é o mesmo de outros tempos, e com certeza não será o de amanhã. É a "mão invisível", no dizer de Adam Smith.

Adam Smith, que viveu no século XVIII, é considerado o pai da economia política e, principalmente, do liberalismo econômi-

Digitalizado com CamScanner

co aplicado à produção nacional e ao comércio internacional. Essa "mão invisível" regularia o funcionamento da economia; o próprio mercado regularia o sistema econômico. Mas se, quando a economia era nacional, ainda era possível a ideia da "mão invisível", quando a vida econômica se internacionaliza essa ideia se torna extremamente frágil. Mesmo assim, nos dias atuais, em algumas partes do mundo, como no Brasil, muitos ainda pedem que o Estado não interfira mais na economia.

As ideias de J. M. Keynes, produzidas em anos ainda recentes do século XX, vêm contrapor-se sobremaneira às ideias de A. Smith. Para Keynes, para que o equilíbrio seja mantido no sistema econômico, é preciso que o Estado tenha um papel constante de intervenção. Essa intervenção seria mais forte nos momentos em que o mercado não conseguisse superar as crises.

Com a internacionalização da economia, o Estado é chamado a intervir para orientar o mercado. A partir dos anos de 1930, 1940, mas sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, cada vez mais o Estado é chamado a exercer um papel de regulador, pois detém os instrumentos para realizar essa regulação. Hoje, o mercado não consegue equilibrar-se sem a intervenção do Estado.

Essa intervenção do Estado se dá de maneira planejada, com preocupações não só de curto e médio prazos. A intervenção do Estado na vida econômica de uma nação é cada vez mais planejada, muito embora se proclame o planejamento como sendo uma prática dos países do Leste. Muitos economistas ocidentais ligam a economia planificada com o comunismo, prática desenvolvida após a Revolução Russa, mas não há nada mais planificado do que a economia capitalista, na qual o Estado tem papel fundamental. Hoje, planeja-se até mesmo a recessão.

Digitalizado com CamScanner

A maneira pela qual se realiza a intervenção do Estado vai ser determinada para sua configuração espacial, para a geografização das diversas variáveis componentes de uma situação. Mesmo se o Estado limita sua intervenção ao econômico, o resultado é que os outros níveis da vida social – como saúde, educação, lazer e outros – são organizados pela lei de mercado, uma de suas armas sendo a especulação. Foi ela, por exemplo, que levou a cidade de São Paulo a ter as dimensões que apresenta hoje.

Há diferentes níveis de Estado: a federação, os Estados federados, os municípios. Muitas vezes, o interesse de um desses níveis não é o interesse dos demais, e os resultados de uma mesma ação não serão os mesmos para os diferentes níveis. Há, em todos os casos, uma relação dialética entre o Estado e o mercado, mas isso não elimina o fato de que o Estado exerça o seu auxílio ao mercado.

Digitalizado com CamScanner

9

Geografia Geral (Não Determinista) e Geografia Regional

A preocupação de alguns dos defensores da inclusão da geografia no esquema das disciplinas autônomas, que haveria de conduzi-los à superestimação de leis rígidas, derivadas de relações permanentes entre os elementos da composição geográfica, levá-los-ia a admitir, percorrendo esse enganoso caminho, a existência de um determinismo que a observação demonstrou ser impossível de verificar-se. Querendo adotar, na hipótese, uma rigidez irrecorrível, abraçavam assim um conceito equívoco de causalidade.

Não deve, todavia, o geógrafo ter como preocupação dominante, em sua atividade, a busca de princípios gerais, chamados leis, acreditando poder, mediante a mesma combinação, conseguir idêntico resultado em qualquer ponto da Terra. Ainda que no desejo de nos afirmarmos como ciência autônoma, não deve ser esse o nosso maior cuidado, sob pena de nos arriscarmos, a cada instante, a ver posto em terra o nosso raciocínio lógico ou a nossa

Digitalizado com CamScanner

generalização, frente a realidades bem diferentes, resultantes de um jogo inusitado ou inesperado dos mesmos elementos.

Há, dentre os fenômenos que pertencem ao campo da geografia, inúmeros que são suscetíveis de medida, mas os há também, em grande quantidade, na categoria dos imponderáveis, o que dificulta toda e qualquer generalização.

O problema do superpovoamento é sintomático. Nele, como fatores apreciáveis, entram a pressão populacional, a produção e sua distribuição, a riqueza nacional, o desejo de bem-estar do povo. Serão, entretanto, os países mais densamente povoados os de maior taxa imigratória? E, vice-versa, os mais escassamente habitados os de maior absorção? As nações que mais produzem terão sempre as portas fechadas à saída dos seus nacionais? É evidente que não. Nem esses fatores se combinam igualmente, podendo, de antemão, determinar qual o resultado nesta ou naquela situação. E preciso não esquecer que do jogo também participam dados que, por vezes, nem são materiais, como as convicções religiosas ou ideológicas, as crenças, os costumes e que influem diferentemente no cômputo final.

A tarefa do geógrafo tem que ser, por isso mesmo, a de evitar, tanto quanto possa, tais generalizações *a priori*. Elas são um perigo e podem ser a desgraça de nossa ciência. Buscadas com afã pelos que tinham pressa em ver a geografia como ciência autônoma, bem podem transformar-se num motivo para o seu descrédito. Tantas são as nuanças com que se apresentam, na realidade, as construções idealmente homogêneas, que será uma vã temeridade organizar equações definidas somente porque os elementos participantes são os mesmos.

O que a realidade nos mostra é que o fato de duas ou mais regiões possuírem idênticas condições naturais não conduz a

Digitalizado com CamScanner

que sejam organizadas igualmente pelo homem, ganhando, assim, uma fisionomia semelhante. Pelo contrário, o que vemos é a diversidade, como a apontada por Gottmann (1952) entre o Marrocos e a Califórnia, cujas constantes naturais, clima, vegetação etc. podem ser comparáveis, e, por outro lado, uma certa unidade, podemos dizer humana, em regiões como a chamada bacia parisiense, cujos característicos geográficos são bem diferentes.

Já Gallois (1908, p. 223) notava que, "entre as condições impostas pela natureza à atividade humana, é preciso ter em conta ainda a posição, a facilidade de comunicação, todo um conjunto de causas que, em cada época, para um determinado estado de civilização, podem conceder vantagem a uma região ou a um sítio determinado". Segundo P. Gourou, cuja opinião é muito discutida, para uma explicação geográfica total das paisagens devemos ter na mais alta conta a civilização – quadro seletivo que se interpõe entre os elementos físicos e humanos e condiciona suas relações.

Não se pode dizer, de antemão, a natureza das relações que vão se dar em determinado território somente pela consideração das suas condições naturais e mesmo das técnicas aportadas pelo grupo que nele vai fixar-se, porque do jogo ainda participam outros elementos, muitos dos quais incapazes de medida, que atuam diferentemente, trazendo consequências também diferentes.

Com os recursos que hoje a técnica lhe deu, o homem pode alterar substancialmente o quadro que lhe seria imposto se, de mãos atadas, se subordinasse aos andamentos da natureza. A sua ação, nesse sentido, depende em grande escala do seu meio, meio geográfico, acentue-se. Conforme ressalta Demangeon, não há fatalidades, mas vontades humanas. Não há determinismo

Digitalizado com CamScanner

absoluto, mas apenas possibilidades que se criam pela iniciativa humana (A. Demangeon, 1945, p. 31).

Por isso os grupos humanos não se organizam igualmente, nem igualmente valorizam o espaço de que dispõem. Isso, junto às próprias diferenças estruturais de lugar para lugar, constitui o germe da diferenciação do mundo e de sua repartição em conjuntos regionais, cada qual guardando a sua individualidade, podendo dizer-se que a superfície do Globo é um verdadeiro mosaico de regiões.

Não se encontrariam, por isso mesmo, relações que sejam constantes entre dois ou mais fenômenos considerados. Pode dar-se o caso de uma coincidência persistente, de uma analogia, mas, exemplo isolado, não bastará para sua elevação à categoria de lei. O que se verifica, pelo contrário, é a presença de combinações surpreendentemente novas.

A geografia geral, pois, para ser acreditada, não deve ser entendida como desejosa de encontrar relações permanentes de causa e efeito entre os fenômenos, mas como o estudo do conjunto dos diferentes fatores do ponto de vista de sua estrutura e do seu dinamismo, verificando, por outro lado, a aptidão desses fatores para entrar em combinação.

Não deve ser nossa preocupação, por isso mesmo, classificar os fatos geográficos dentro de fórmulas definidas, mas, pelo contrário, o estudo desses fenômenos em escala planetária; certos, porém, de que suas combinações locais serão muito diversas. Certos, também, de que, para o entendimento do que se passa em cada lugar, é indispensável o entendimento de processos em níveis bem mais amplos, que nos conduzirão à própria mecânica do mundo como um todo. Cada lugar é, hoje, solidário de todos os demais lugares, e é esse encadeamento que fornece a base das explicações.

Digitalizado com CamScanner

A geografia humana geral fornecerá, pois, um material mais que necessário para a própria análise regional. Le Lannou assinalava, desde os anos de 1940, as seguintes vantagens da geografia humana geral:

> *a*. Serve para construir quadros metódicos de observação, para definir os tipos, para converter fatos em fórmulas, e reduzi-los a dados comparáveis entre si.
>
> *b*. Exige o exame e a confrontação de exemplos tomados a todo o Planeta [...] e de natureza a esclarecer singularmente muitas obscuridades do estudo regional. O estudo regional dá muitas vezes claridades enganosas, acentuando uma só das aparências mais visíveis [...].
>
> *c*. Os seus estudos são de natureza a nos fornecer técnicas seguras, que são cada vez mais necessárias aos nossos trabalhos regionais, se queremos conhecer de maneira diferente da de simples amadores os fenômenos naturais, demográficos, econômicos que contribuem para caracterizar nosso objeto (Le Lannou, 1949, p. 279).

Os ensinamentos que ela nos propicia são indispensáveis, não somente porque lhe cabe a sugestão dos diferentes conceitos mas por dar-nos uma ideia de como os diferentes elementos do precipitado podem entrar em composição, isto é, o jogo das influências recíprocas.

A certeza de que é impossível reduzir os fenômenos geográficos a esquemas predeterminados, ou a fórmulas fixas, permitirá a formulação de uma geografia geral menos ambiciosa, que deixará de ser a investigadora de leis absolutas regulando os fatos geográficos, um fim em si mesma, para dedicar-se ao estudo não só da estrutura mais geral em que os elementos geográficos se incluem mas também da aptidão destes para entrar em combinação: um método. A geografia humana geral, mais que um fim em si, deveria ser um exercício e um controle indispensáveis à coesão das pesquisas e à manutenção do espírito geográfico (Le Lannou, 1949, p. 279).

Não deve ser nossa preocupação, pois, uma geografia geral classificadora, esperançosa de destacar – para estudo, apreciação

Digitalizado com CamScanner

e valorização – fatos simples, como se eles pudessem ter existência fora do conjunto a que pertencem.

Dizia Cholley que, quando se estuda geografia, não há senão dois pontos de vista: o da geografia geral e o da geografia regional. Esta, "que se propõe reconhecer e estudar os diferentes domínios, meios ou regiões que as combinações físicas, biológicas e humanas têm feito aparecer na superfície do Planeta; e de outro lado, a geografia geral física e humana, que se eleva acima dos casos regionais para considerar a estrutura e o jogo dos fatores que, na superfície do planeta, entram em combinação" (A. Cholley, 1951, p. 29).

Ao longo de suas divergências conceituais, todos os geógrafos parecem estar de acordo em que a nossa disciplina deve preocupar-se com as realizações dos grupos humanos sobre o nosso planeta. Os esforços dos grupos humanos para se afirmarem, mediante a combinação dos recursos que lhes são oferecidos, e a capacidade de que dispõem para desenvolvê-los em seu meio são um fator de diferenciação e de organização. Temos o mundo, assim, repartido em organizações regionais que constituem os melhores traços da presença do homem sobre a Terra.

Com base em determinada fração do território, emprega-se determinado grupo humano no trabalho de organização do espaço com que conta, e é das condições encontradas ou acrescentadas que esse grupo vai formar o seu meio de vida e a sua paisagem, subordinando-se ou impondo-se aos imperativos do meio físico, combinando com ele as suas aptidões ou apagando, tanto quanto possível, as suas influências, de acordo com os níveis de civilização material a que tiver chegado.

As condições naturais e as realizações humanas formam, pois, uma rede de relações, de cujo ordenamento os frutos constituem um todo complexo e uma realidade definida.

Digitalizado com CamScanner

Operação de análise, a investigação geográfica tende a verificar, na síntese, o que o fato geográfico é, quais os seus componentes próximos ou distantes, e como eles entram em combinação. Numa dada área ou num determinado lugar, um espaço "inconcreto". Se podemos admitir, com R. Clozier (1942, p. 91), que "os fatos só adquirem verdadeira significação geográfica concebidos em função do enquadramento regional", não saberíamos, no seu estudo, como separar um elemento, se é certo que ele constitui apenas um elo na cadeia das forças que agem conjuntamente em uma direção dada mas ultrapassam a escala do lugar. Sua formação depende de um todo que é muito mais complexo.

Ao contrário do que pensava Vallaux (1929, p. 173) – que não via conexão possível entre elas –, a chamada geografia geral, caso renovada, e a chamada geografia regional, caso subordinada ao conhecimento de contextos mais amplos, ajudam-se mutuamente, porque, se uma fornece à outra um inventário das possibilidades entrevistas no presente, do qual ela vai servir-se como ponto de partida para suas investigações, recebe, de outro lado, por meio dos estudos *in concreto*, um novo subsídio, de qualquer forma, para as suas novas deduções. A geografia geral é um capítulo introdutório indispensável, e de sua renovação depende a capacidade de afastarmos o risco de explicações deterministas.

O correto em geografia estará em, nas possibilidades admitidas, não perseguir certezas, pois é, de fato, mais fácil desmentir que confirmar prognósticos que se firmam em experiências passadas. Para ser válida, a geografia geral tem que ser constantemente renovada, à luz de uma história em movimento acelerado.

Digitalizado com CamScanner

10

Da Teoria à Prática

Um Modelo Analítico

Da definição do espaço

A definição do espaço é tarefa das mais difíceis e que tem desafiado os especialistas das respectivas disciplinas explicativas e normativas, desde a geografia à planificação territorial. Dessa definição depende o bom resultado das análises de situação e dos enfoques prospectivos. Propomos, aqui, uma definição que é operacional e, ao mesmo tempo, fundada no real.

O espaço é formado por dois componentes que interagem continuamente:

• A configuração territorial, isto é, o conjunto de dados naturais, mais ou menos modificados pela ação consciente do homem, por meio dos sucessivos "sistemas de engenharia".

Digitalizado com CamScanner

- A dinâmica social ou o conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento.

A configuração territorial ou configuração espacial é dada, conforme já buscamos descrever, pelo arranjo, sobre o território, dos elementos naturais e artificiais de uso social: plantações, canais, caminhos, portos e aeroportos, redes de comunicação, prédios residenciais, comerciais e industriais etc. A cada momento histórico, varia o arranjo desses objetos sobre o território. O conjunto dos objetos criados forma o meio técnico, sobre o qual se baseia a produção, que evolui em função desta.

A dinâmica social é dada pelo conjunto de variáveis econômicas, culturais, políticas etc. que a cada momento histórico dão uma significação e um valor específicos ao meio técnico criado pelo homem, isto é, à configuração territorial.

O espaço total é constituído de subespaços: agrícolas, urbanos, mineiros, estratégicos etc. Desses, somente o subespaço urbano tem as condições requeridas (o aparelho terciário) para manter relações com os demais subespaços. Naturalmente essas relações são, também, interurbanas. O conjunto de cidades e das infraestruturas de transporte e de comunicações forma o verdadeiro arcabouço da economia.

Desse modo, a rede urbana tem um papel fundamental na organização do espaço, pois assegura a integração entre fixos e fluxos, isto é, entre a configuração territorial e as relações sociais. Seu estudo é fundamental para a compreensão das articulações entre as diversas frações do espaço. Uma análise evolutiva de um

Digitalizado com CamScanner

sistema urbano, feita segundo essa óptica, permite reconhecer as diversas dinâmicas espaciais, em diferentes momentos, e mesmo nos dá indicações quanto ao futuro.

É evidente que o estudo da rede urbana é insuficiente para o conhecimento da dinâmica espacial de uma área, sobretudo quando boa parte dos processos relacionais se orienta para fora do território estudado. Ainda que assim não fosse, o que se passa nos subespaços não urbanos tem uma lógica própria, que influi sobre o sistema urbano. Desse modo, o estudo exclusivo deste só pode levar a resultados fragmentados e possivelmente falsos. A evolução das condições e dos resultados da produção agrícola e mineral, a expansão dos meios de circulação e o movimento assim gerado são, igualmente, dados essenciais à compreensão de um espaço dado.

Estado e Federação

A organização espacial correspondente a uma região ou a uma unidade político-administrativa dentro de um país não se dá de forma autônoma. Para cada país, do mesmo modo que há uma sociedade global, há também um espaço total. As leis que regulam a sociedade (o conjunto de relações sociais) vigem no país como um todo, de forma indivisível, e as infraestruturas que integram o território (estradas etc.) também são indivisíveis.

Num país de economia integrada, onde o Estado centraliza recursos e decisões, os fluxos são cada vez mais, qualitativa e quantitativamente, de natureza nacional. O Estado federado e mesmo os municípios podem também criar fluxos, muitos dos

Digitalizado com CamScanner

quais são, todavia, subordinados. Aliás, quando a economia é mundializada, como agora, deve-se obrigatoriamente ter em conta os fluxos de natureza internacional.

Como a economia está em frequente mutação, as infraestruturas de apoio se renovam instantaneamente, e o fazem sob auspícios que nem sempre competem ao Estado federado, mas à União, e não raro para responder a projetos nacionais.

Na fase atual da história mundial, os dados referidos nos dois itens anteriores são de grande importância devido essencialmente a dois fatores:

- A extensão da divisão internacional do trabalho às mais diversas instâncias da produção.
- O uso, cada vez mais generalizado e necessário, de capitais constantes fixos como condição *sine qua non* para que a produção, a circulação e o consumo se possam dar.

Assim, o uso do território de um Estado federado é, em grande parte, resultado de fluxos gerados fora dele, e até no estrangeiro, que escapam ao controle de suas instituições. Em outras palavras, a organização do espaço provincial é, em boa parte, ditada de fora. Por isso a análise deve levar em conta os diversos níveis de origem das variáveis, mesmo para fins de intervenção e planejamento.

Necessidade de uma periodização

Para que o estudo possa alcançar os seus objetivos – isto é, interpretar o presente como resultado de um processo e indicar

Digitalizado com CamScanner

possíveis linhas de evolução –, um esforço de periodização se impõe. Como já vimos, o espaço é, *grosso modo*, formado por sistemas de engenharia e fluxos de relações. Aqueles deixam sua marca concreta nos objetos materiais geográficos que formam a configuração territorial e as paisagens, as quais funcionam como verdadeira condição do desenvolvimento social. O fato de que as mudanças operadas no espaço raramente eliminam de uma vez os traços materiais do passado obriga a considerar as fases respectivas de instalação de novos instrumentos de trabalho e de criação de novos meios de trabalho. Em cada fase, as relações sociais não são da mesma natureza. Assim, as combinações entre fluxos e fixos, ainda que estes aparentemente não mudem, não são as mesmas segundo os períodos.

Cada período tem uma fase ascendente e uma descendente, em que o jogo interno das variáveis muda, dando proeminência a um fator cuja importância era menor no primeiro período. É desse modo que se reconhecem as tendências e fica-se em condições de imaginar as linhas de evolução possíveis.

Uma periodização que interesse a uma região, seja ela um Estado da Federação, tem, nas condições atuais, de levar em conta fatores internacionais e nacionais, além dos que se referem à própria área estudada. É a única maneira de não desprezar fatores de explicação relevantes. A periodização é indispensável para que, no trabalho de empiricização das categorias, não nos escape o problema da mudança de valor de cada variável segundo os momentos.

Aqui, a questão da divisão do trabalho se coloca em toda a plenitude. A cada divisão do trabalho, muda o uso do território,

Digitalizado com CamScanner

em virtude dos tipos de produção, reclamados pelas técnicas diretamente utilizadas, e das formas como se exercem as diversas instâncias de produção, exigindo novos objetos geográficos (casas, silos etc.) e atribuindo valores novos aos objetos preexistentes.

Como nem todos os lugares são igualmente atingidos pelos efeitos das divisões do trabalho sucessivas, a compreensão do que se passa em cada um deles exige que se levem em conta as diversas divisões do trabalho. Como, dentro do território nacional, a divisão internacional do trabalho se exerce de forma específica para cada país, pode-se falar numa divisão interna (nacional) do trabalho, que também é indispensável levar em conta. A questão das demais escalas geográficas é também relevante, em função do nível territorial de análise escolhido.

Um Esquema Operacional: A Análise da Situação Atual

A formulação de um cenário de organização espacial exige duas séries paralelas de preocupações:

- O conhecimento da situação presente, isto é, dos elementos que explicam a situação atual, nos seus aspectos genéticos e presentes. Isso nos dará igualmente o conhecimento dos processos subjacentes à realidade e deve, também, permitir reconhecer tendências.
- Fixação de metas, construídas sob a base de inter-relações prováveis.

As tendências são a ligação indispensável entre essas duas ordens de preocupações, assegurando um caráter realista às proposições de mudança. Desse modo, a peça essencial do estudo será a análise da situação atual na qual sejam identificados

Digitalizado com CamScanner

não apenas os aspectos de estrutura mas também as tendências aparentes ou escondidas atrás do presente.

A análise da situação atual deverá ser feita levando em conta os princípios de base antes enunciados e constará essencialmente de:

- Estudo formal (estatístico e documental).
- Análise de conteúdo
- Tentativa de periodização de identificação das tendências.
- Definição da problemática atual.

O estudo formal levará em conta os aspectos quantitativos e qualitativos concernentes a:

- Distribuição espacial das atividades materiais, dos serviços, das infraestruturas e dos homens.
- Fluxos gerados pelas atividades e pela presença de uma população: vias e meios de transporte e comunicação.

A análise de conteúdo se esforçará por identificar:

- Uma caracterização da evolução do contexto e de suas variáveis, com a identificação das causas respectivas.
- A distinção entre evolução "espontânea", derivada principalmente das forças do mercado, e evolução "dirigida", ou planificada.
- Os efeitos recíprocos entre os diversos tipos de evolução.
- As condições da evolução recente e atual.

Os dois grupos de análises indicados precedentemente deverão permitir uma nova série de análises, conducentes a definir, paralelamente:

Digitalizado com CamScanner

- A periodização da evolução.
- As características de cada período.
- A identificação das tendências nascentes em cada período e das rupturas que marcam a passagem de um período a outro.
- A identificação, assim, dos fatores de evolução e dos fatores de mutação.
- As principais consequências ligadas aos itens precedentes.

No estudo da problemática atual da organização espacial, dar-se-á uma atenção particular:

- À concentração geográfica das atividades e suas consequências sociais, econômicas, administrativas etc.
- Às atividades de controle externo, recentes ou não, e suas consequências sociais, econômicas, administrativas etc.
- Às perspectivas de uma evolução "espontânea", e aos seus componentes especulativos.
- Ao papel do poder público, nos seus diversos níveis, nessa evolução.

Acreditamos que essa análise, fundada nos fatos concretos, nos indicará o melhor caminho de uma geografia que dê conta do real e tenha, assim, importante papel prospectivo.

Digitalizado com CamScanner

BIBLIOGRAFIA

AMIN, Samir. *Class and Nation, Historically and in the Current Crisis*. Transl. Susan Kaplow. New York, Monthly Review, 1980 (do original: *Classe et nation dans l'histoire et la crise contemporaine*. Paris, Minuit, 1979).

ANDERSON, Nels. "Aspects of Urbanization". In: ____ (org.). *Urbanism and Urbanization*. Leiden, E. J. Brill, 1964, pp. 1-6.

ARON, Raymond. *18 Lectures on Industrial Society*. London, Weidenfeld and Nicolson, 1961.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introducción a la Historia Contemporánea*. Madrid, Gredos, 1965.

BERGENSEN, Albert. "From Utilitarianism to Globology: The Shift from the Individual to the World as a Whole as the Primordial Unit of Analysis". In: ____ (org.). *Studies of the Modern World System*. New York, Academic, 1980, pp. 1-12.

BERGENSEN, Albert & SCHOENBERG, Ronald. "Long Waves of Colonial Expansion and Contraction, 1415-1969". In: BERGENSEN, A. (org.). *Studies of the Modern World-System*. New York, Academic, 1980, pp. 231-277.

BERRY, Brian. "Creating Future Geographies". *Annals A.A.G.*, 70 (4):449-458, Dec. 1980.

BETTELHEIM, Charles. *Planification et croissance accélérée*. Paris, Maspero, 1967.

BIDAUD, Alain; BLONDEAU, Maurice & GÉRIN, Anne-Marie. "Y-a-t-il autant de géographies que de géographes?". *Espaces-Temps* (8):85-120, 1978.

Digitalizado com CamScanner

BOULDING, Kenneth E. *The Impact of the Social Sciences*. New Brunswick, N. J., Rutgers University Press, 1966.

BRETON, Stanislas. "Réflexion philosophique et humanisme technique". In: _____ (org.). *Civilisation technique et humanisme*. Paris, Beauchesne, 1968, pp. 111-148.

BUNGE, Mario. "Towards a Philosophy of Technology". In: BRETON, Stanislas (org.). *Civilisation technique et humanisme*. Paris, Beauchesne, 1968, pp. 189-210.

BUNGE, William & GRIGG, David. "Locations Are Not Unique". *Annals Association of American Geographers*, 56 (2):375-377, June 1966.

_____. "Fred K. Schaefer and the Science of Geography". *Annals Association of American Geographers*, 69 (1):128-132, March 1979.

CASTELLS, Manuel. "Mudança Tecnológica, Reestruturação Econômica e a Nova Divisão Espacial do Trabalho". *Espaço e Debates*, 6 (17):5-23, 1986.

CATEMARIO, A. "Technique sociale et reconstruction". In: BRETON, Stanislas (org.). *Civilisation technique et humanisme*. Paris, Beauchesne, 1968, pp. 59-76.

CHOLLEY, André. *La géographie: Guide de l'étudiant*. 2ème ed. Paris, PUF, 1951.

CLOZIER, René. *Les étapes de la géographie*. Paris, PUF, 1942.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo, Ática, 1986.

DEMANGEON, Albert. *Problèmes de géographie humaine*. 3ème ed. Paris, Armand Colin, 1945.

DENNISON, V. D. "The Use of Geography: Part 4". *Geography*, 66 (293):263-276, nov. 1981.

ECKBO, Garrett. *The Landscape We See* [*A Paisagem que Vemos*]. New York, McGraw-Hill, 1969.

ELIOT-HURST, M. "Geography, Social Science and Society: Towards a Re-Definition". *Australian Geographical Studies*, 18 (1):3-21, 1980.

ELLUL, Jacques. *La technique ou l'enjeu du siècle*. Paris, Armand Colin, 1954.

FERKISS, Victor. *Technological Man: The Myth and the Reality*. New York, Menthor, 1970.

FRIEDMANN, John & GOETZ, Wolff. "World City Formation: An Agenda for Research and Action". *International Journal of Urban and Regional Research*, 6 (3):309-344, 1982.

GALLOIS, Lucien. *Régions naturelles et noms des pays*. Paris, Armand Colin, 1908.

GEORGE, Pierre. "Cent ans d'histoire de la géographie". *Acta Geografica*, 3 ème série, (50):1-8, 2ème trim. 1982.

GOLDMANN, Lucien. *Epistémologie et philosophie politique: pour une théorie de la liberté*. Paris, Denoël/Gonthier, 1978.

Digitalizado com CamScanner

GOTTMANN, Jean, *La politique des états et leur géographie*. Paris, Armand Colin, 1952.
GOULDNER, Alvin W. *The Dialectic of Ideology and Technology: The Origins, Grammar and Future of Ideology*. New York, Seabury, 1976 (Continuum).
GOUROU, Pierre. "Civilisation du végétal". *Indonésie*, 1 (5).
———. *Pour une géographie humaine*. Paris, Flammarion, 1973.
GRANÖ, Olavi. "External Influence and Internal Change in the Development of Geography". In: STODDART, D. R. (org.). *Geography, Ideology and Social Concern*. Oxford, Basil Blackwell, 1981, pp. 17-36.
GRIGG, D. "The Logic of Regional Systems". *Annals Association of American Geographers*, 55 (3):465-491, Sep. 1965.
HARTSHORNE, R. "Exceptionalism in Geography Re-Examined". *Annals Association of American Geographers*, 45 (3):205-244, 1955.
HEENAN, David A. "Global Cities of Tomorrow". *Harvard Business Review*, 55 (3):79-92, May-June 1977.
HEILBRONER, Robert. "Do Machines Make History?". *Technology and Culture*, 8 (3):335-345, July 1967.
HERRERA, Amilcar O. "Résources naturelles, technologie et indépendance". In: MENDES, C. (org.). *Le mythe du développement*. Paris, Seuil, 1977, pp. 141-159 (Les Collections Esprit).
HOLT-JENSEN, Arild. *Geography, Its History and Concepts*. London, Harper and Row, 1980.
HYMER, Stephen H. *The Multinational Corporation, a Radical Approach*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
JALÉE, Pierre. *L'impérialisme en 1970*. Paris, Maspero, 1969.
JAMES, P. E. *All Possible Worlds: A History of Geographical Ideas*. Indianapolis, Odissey, 1972.
JOHNSTON, R. J. "Review Symposium: Geography Is What Geographers Do – and Did". *Progress in Human Geography*, 4 (2):277-283, 1980.
KALESNIK, S. V. "On the Significance of Lenine's Ideas for Soviet Geography". *Soviet Geography*, 12 (4):196-204, Apr. 1971.
KARPIK, Lucien. "Le capitalisme technologique". *Science, rationalité et industrie. Sociologie du Travail*, 13 (l), jan.-mars 1972 (numéro spécial).
KATONA, George & STRUMPEL, Burkhard. *A New Economic Era*. New York, Elsevier, 1978.
KIUCHI, Shinzo. *Chiiki Gairon: sono riron to ohyoh* [*An Introduction to a Study of Region: Its Theory, Techniques and Practical Application*]. Tokyo, University of Tokyo, 1968.
KOSIK, Karel. *Dialéctica del Concreto: Estudio sobre los Problemas del Hombre y el Mundo*. México, Grijalbo, 1967.

Digitalizado com CamScanner

LABRIOLA, Antonio. *Essais sur le matérialisme historique*. Paris, Giard et Brière, 1902.
LACOSTE, Yves. *La Geografía, una Arma para la Guerra*. Barcelona, Anagrama, 1977.
_____. "Georges Condaminas: L'espace social. A propos de l'Asie du Sud-Est". *Herodote*, (21):146-152, avr.-juin 1981.
LADRIÈRE, Jean. "Technique et eschatologie terrestre". In: BRETON, Stanislas (org.). *Civilisation technique et humanisme*. Paris, Beauchesne, 1968, pp. 211-243.
LEFEBVRE, Henri. *Everyday Life in the Modern World*. Transl. Sacha Rabinovich. London, Allan Line/The Penguin Press, 1971 (do original: *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris, Gallimard, 1968).
_____. *La production de l'espace*. Paris, Anthropos, 1974.
LE LANNOU, Maurice. "La vocation actuelle de la géographie humaine". *Les Études Rhodaniennes*, 23 (6).
LUKÁCS, Georg. *Histoire et conscience de classe*. Paris, Minuit, 1960.
MABOGUNJE, Akin L. *The Development Process: A Spatial Perspective*. London, Hutchinson, 1980.
MANDEL, Ernest. *The Second Slump*. London, New Left, 1978.
_____. *Long Waves of Capitalist Development: The Marxist Interpretation*, Cambridge/London, Cambridge University Press, 1980.
MARQUIT, Erwin. "Contradictions in Dialectics and Formal Logic". *Science and Society*, 45 (3):306-323, Fall 1981.
MARX, Karl. *The Paris Commune*. Moscow, Progress, 1970.
MAZA ZAVALA, D. F. "Orígenes y Características de la Crisis Capitalista Actual". *Problemas del Desarrollo, Revista Latinoamericana de Economía*, (26):23-48, 1976 (México).
MCCONNELL, J. E. "The Internationalization Process and Spatial Form: Research Problems and Prospects". *Environment and Planning* A, 14 (12):1633-1644, Dec. 1982.
MEGALE, Januário Francisco. *Max Sorre*. São Paulo, Ática, 1984 (Grandes Cientistas Sociais).
MENDES, C. (org.). *Le mythe du développement*. Paris, Seuil, 1977 (Les Collections Esprit).
MODELSKI, George. *Principlies of World Politics*. New York, Free Press, 1972.
MORAES, Antônio Carlos Robert. *Os Circuitos Espaciais da Produção e os Círculos de Cooperação no Espaço*. São Paulo, 1985 (mimeo.).
_____. *Geografia: Pequena História Crítica*. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 1986.
NAVARRO, Vicente. "The Limits of the World Systems Theory in Defining Capitalist and Socialist Formations". *Science and Society*, 46 (1):77-90, Spring 1982.

Digitalizado com CamScanner

PATMORE, J. Allan. "Geography and Relevance. Part 4". *Geography*, 65 (289):265-283, Nov. 1980.

PETTMAN, Ralph. *State and Class: A Sociology of International Affairs*. London, Croom Helm, 1979.

POLANYI, Karl. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time*. New York, Rinehart, 1957.

PRESTIPINO, Giuseppe. *El Pensamiento Filosófico de Engels: Naturaleza y Sociedad en la Perspectiva Teórica Marxista*. México, Siglo XXI, 1977 (do original: *Natura e Società: Per una Nuova Lettura di Engels*, Roma, Riuniti, 1973).

RAVETZ, J. R. "Criticisms of Science". In: SPIEGEL-ROSING, I. & DE SOLLA PRICE, D. (orgs.). *Science, Technology and Society*. London, Sage, 1977, pp. 71-89 (Chap. 3).

RICHTA, Radovan. *Progreso Técnico y Democracia*. Madrid, Alberto Corazón, 1970.

ROSS, Robert; SHAKOW, Don M. & SUSMAN, Paul. "Local Planners – Global Constraints". *Policy Sciences*, 12:1-25, June 1980.

SANTOS, Milton. *L'espace partagé: Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés*. Paris, Editions M.-Th. Genin Librairies Techniques, 1975 [Atualmente editado por: São Paulo, Edusp – Coleção Milton Santos, 4].

____. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo, Hucitec, 1978 [Atualmente editado por: São Paulo, Edusp – Coleção Milton Santos, 2].

____. "O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica". In: *Anais V Encontro Nacional de Geógrafo (1982): Contribuições Científicas*. Porto Alegre, 1983, pp. 41-53.

____. *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel, 1985.

SANTOS, Milton & SOUZA, Maria Adélia (orgs.). *O Espaço Interdisciplinar*. São Paulo, Nobel, 1986.

SAYERS, Sean. "Contradiction and Dialectic in the Development of Science". *Science and Society*, 45 (4):409-436, 1981-1982.

SCHAEFER, F.K. "Exceptionalism in Geography: A Methodological Examination". *Annals Association of American Geographers*, 43:226-249, 1953.

SERENI, Emilio. "Da Marx a Lenin: La Categoria di 'Formazione Economico-sociale'". *Quaderni Critica Marxista*, Roma 4, 1970, (também em: *La Pensée*, 159, 1971, pp. 3-49).

SILVA, Armando Corrêa da. "Natureza do Trabalho de Campo em Geografia Humana e Suas Limitações". *Revista do Departamento de Geografia*, (I):49-54, 1982 (São Paulo, USP).

Digitalizado com CamScanner

_____. *O Espaço Fora do Lugar*. São Paulo, Hucitec, 1978.

SKLAR, Richard. "Post-Imperialism: A Class Analysis of Multinational Corporate Expansion". *Comparative Politics*, 9 (2):75-92, Jan. 1977.

SOJA, Edward. "Uma Interpretação Materialista da Espacialidade". In: BECKER, Bertha *et alii*. *Abordagens Políticas da Espacialidade*. Rio de Janeiro, Departamento de Geografia-UERJ, 1983.

SORRE, Maximilien. *Rencontres de la géographie et de la sociologie*. Paris, Marcel Rivière, 1957.

TAKEUCHI, Keiichi. "The Origins of Human Geography in Japan". *Hitotsu-bashi Journal of Arts and Sciences*, 15 (1):1-13, 1974.

THIBAULT, J. "Reflexions sur le rôle actuel de la science". *Economie et Politique*, (167), déc. 1967.

TSURU, Shigeto. "Has Capitalism Changed?" In: _____(org.). *Has Capitalism Changed?* Tokyo, Iwanimi Shoten, 1961, pp. 1-66.

USEERN, Michael. "Government Patronage of Science and Art in America". In: PETERSON, Richard A. (org.). *The Production of Culture*. Beverly Hills, Sage, 1976.

UNSTEAD, J. F. *A World Survey from the Human Aspect*, 1950. (*Apud* KIUCHI, Shinzo. *Chiiki Gairon: sono riron to ohyoh* [*An Introduction to a Study of Region: Its Theory, Techniques and Practical Application*]. Tokyo, University of Tokyo, 1968).

VALLAUX, Camille. *Les sciences géographiques*. Paris, Alcan, 1929.

VAN PAASSEN, Chr. *The Classical Tradition of Geography*. Gröningen, J. B. Wolters, 1957.

VON LANL, Theodore. *The Global City*. Philadelphia, Lippincot, 1969.

VOROPAY, L. I. "Levels and Stages in the Process of Geographical Cognition". *Soviet Geography: Review and Translations*, 19 (9):611-617, Nov. 1978.

WHITEHEAD, A. N. *Modes of Thought*. London, MacMillan, 1938.

WUTHROW, R. "The World-Economy and the Institutionalization of Science in Seventeenth-Century Europe". In: BERGENSEN, Albert (org.). *Studies of the Modern World-System*. New York, Academic, 1980, pp. 25-55.

Digitalizado com CamScanner

Coleção Milton Santos

1. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*
2. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*
3. *Economia Espacial: Críticas e Alternativas*
4. *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*
5. *Pensando o Espaço do Homem*
6. *A Urbanização Brasileira*
7. *Da Totalidade ao Lugar*
8. *O Espaço do Cidadão*
9. *Manual de Geografia Urbana*
10. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*
11. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional*
12. *Espaço e Método*
13. *O Centro da Cidade do Salvador*
14. *Por uma Economia Política da Cidade*
15. *O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo*
16. *Pobreza Urbana*
17. *Metrópole Corporativa Fragmentada*
18. *A Urbanização Desigual: A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos*
19. *Ensaios sobre a Urbanização Latino-americana*

Digitalizado com CamScanner